

PERNAMBUCO



A CONSTRUÇÃO

Ronaldo Correia de Britto revela a mitologia pessoal por trás de *Galiléia* e relata os bastidores da criação da obra



BÁRBARA WAGNER

E MAIS:

ÊÇA DE QUEIROZ | SÉRGIO SANT'ANNA | ADOLFO MONTEJO NAVAS REVISITADO | URROS MASCULINOS | A CASA DOS ESPÍRITOS

GALERIA



CHICO LACERDA

A foto foi tirada no nova-iorquino The Jane Hotel. O que logo chamou atenção do fotógrafo foi um corredor longo, ladeado por pequenos abajures presos às paredes e duas placas de ‘Exit’. No final dele, uma janela, que dava apenas para uma parede. “A foto que tirei foi dessa janela, refletindo o corredor que estava às minhas costas. Como havia duas lâminas de vidro, o reflexo foi duplicado, por isso tudo aparece sobreposto”, conta Chico Lacerda (www.flickr.com/photos/lfbli/)

CARTA DO EDITOR

O que é um romance enquanto ainda não está impresso e editado em formato de livro? A construção das obras literárias tem sua história própria, privada, que geralmente não chega ao conhecimento público. A chamada “crítica genética”, por exemplo, surge da consideração de que cada obra é resultado de um labor progressivo, instável e sujeito a constantes mutações nas mãos e na cabeça do autor. Esse tipo de análise reflete sobre a obra de arte a partir de sua fabricação, de sua gênese. Além disso – e neste ponto até mesmo a crítica genética lava as mãos –, o texto, após esse processo exclusivamente autoral, passa ainda por algumas etapas, não mais artísticas, porém fundamentais para a qualidade da obra final: o trabalho de editores e revisores; para só então terminar na mão de vocês, desocupados leitores.

Nossa matéria de capa surgiu exatamente do desejo e da curiosidade de conhecer os bastidores de um livro que, apesar de recentíssimo, já foi aclamado pela crítica e recebeu um dos mais importantes prêmios nacionais. Trata-se de *Galiléia*, primeiro romance do escritor cearense Ronaldo Correia de Brito. Pedimos ao autor que relatasse em nossas páginas o difícil processo de “gestação” de

uma narrativa num gênero que ainda não havia explorado. O leitor entrará em contato com o universo íntimo do autor, suas dúvidas, frustrações e alegrias. Para completar, pedimos ao crítico Artur A. de Ataíde, um dos revisores de *Galiléia* antes da versão final, que falasse sobre a árdua tarefa de interceder criticamente numa criação literária em formação.

O **Pernambuco** traz ainda uma interessante entrevista com o escritor Sérgio Sant’Anna, que fala sobre a reedição de seu *Um romance de geração*, pela Companhia das Letras, e defende a qualidade da literatura contemporânea brasileira. Na área gastronômica, o jornalista Bruno Albertim escreve sobre os novos autores que conseguem aliar culinária, cultura e comportamento, dando um “molho” extra aos seus livros. Destacamos também o ensaio de Luiz Carlos Pinto sobre as artimanhas utilizadas por escritores para conquistar a atenção dos leitores logo no início das narrativas. Parágrafos iniciais de autores tão díspares quanto Graciliano Ramos, Charles Bukowski, Cristovão Tezza, John Fante e Mario Vargas Llosa são mostrados como exemplos da fina arte de seduzir à primeira vista o tão cobiçado e difícil leitor.

Boa leitura e até o próximo mês.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Ricardo Leitão

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO – CEPE
Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Menezes

CONSELHO EDITORIAL:
Mário Hélio (Presidente)
Antônio Portela
José Luiz da Mota Menezes
Luís Augusto Reis
Luzilá Gonçalves Ferreira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero, Schneider Carpeggiani
e Eduardo César Maia (interino)

REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Flávio Pessoa, Flora Pimentel, Gilson Oliveira, Militão
Marques, Nélcio Câmara, Renata Cadena e Vivian Pires

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto
Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140
Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

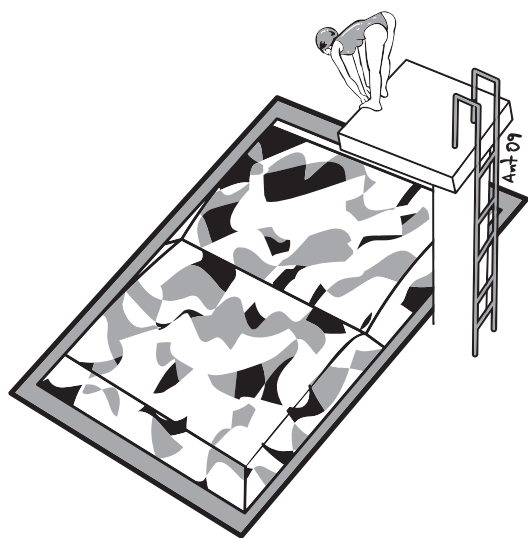
RENATA CADENA



Sobre homens, mulheres e um jacaré

Autor descreve o difícil aprendizado que travou com os seus personagens

Santiago Nazarian



Difícil determinar quando surge uma ideia. Talvez sempre tenha estado lá, mas vai ganhando forma aos poucos. Talvez surja num momento pontual, mas é tão retrabalhada, ampliada, que aquela centelha inicial se torna parte de uma fogueira, e não pode mais ser isolada. É sempre assim quando me perguntam “como surgiu a ideia do seu livro”. Os temas sempre existiram. Mas o corpo se forma quando corpos se formam. Acho que a base de qualquer romance são os personagens.

Eu já havia convivido com protagonistas homens, mulheres, um jacaré. E sempre procuro novas formas, gente que eu queira ser e com quem queira conviver por meses e meses da escrita (bem, *anos e anos*, se considerarmos que terei de responder por isso minha vida inteira). Para mim, a grande graça do romance é esse convívio diário e prolongado – como assistir a uma boa série de TV. Os bons (e longos) livros sempre me despertaram essa sensação, e aquela saudade quando chego ao final.

Os sete meninos protagonistas de *O prédio, o tédio e o menino cego* são sete estereótipos da adolescência masculina: o Atleta, o Mestiço, o Negro, o Narciso, o Gordo, o Junkie e o Andrógino. São tanto estereótipos quanto “arquétipos irônicos”; brinco com essas figuras clássicas. O Narciso, por exemplo, é um Narciso *Vesgo*, porque está olhando para si mesmo. A antagonista também surgiu como figura clássica, aquela Professora pela qual todo menino se apaixona alguma vez – que simboliza a mãe, a mulher, o despertar da sexualidade. Uma premissa quase “Branca de Neve”. Mas nessa minha nova versão a Professora é, na realidade, uma infanticida. Uma materialização cruel de “como é difícil se tornar um homem”. É o que eu chamo de “existencialismo bizarro”, se é para colocar rótulos; usar temas clássicos da literatura, do romance de formação, mas incluindo influências e referências de filmes trash, de literatura pop. Os sete meninos moram numa cidade litorânea, mas o mar está manchado de petróleo. Eles enfrentam suas próprias espinhas, enquanto a cidade inteira apodrece e é tomada por zumbis...

DESAFIO AO BOM GOSTO

Antes de eu começar a escrever a narrativa propriamente dita, defini muito bem a estrutura. São sete protagonistas, então os primeiros sete capítulos do livro são para apresentá-los; mais sete capítulos para cada um deles conhecer e se encantar com a Professora; e os últimos sete para cada um deles enfrentar sua morte. Com essa estrutura definida, fui recheiar a história. Das coisas mais gostosas para mim foi imaginar sete maneiras de matar os adolescentes.

Como eu já sabia a forma que iria terminar, e tinha esse esqueleto bem montado, deu para brincar com possíveis expectativas dos leitores, a divisão

rígida de um menino para cada capítulo. Há um pano de fundo do romance entre a estrutura montada e o que a Professora tira do lugar. É como se o autor/narradora fosse a “mãe” dos personagens, e a Professora surgisse como a Mulher para tirar seus filhos de casa.

A primeira versão do livro foi escrita em mais ou menos um ano, depois tive tempo de reler e reescrever por mais dois anos, principalmente porque mudei de editora, houve todo um atraso, que acabou sendo benéfico pro texto. Uma das coisas que eu refiz bastante foi o primeiro capítulo. Sempre tenho de ler trechos dos meus livros em debates, e acabo escolhendo um texto aleatório. Agora queria ter um primeiro capítulo que pudesse ser usado efetivamente para dar ideia do que era o livro.

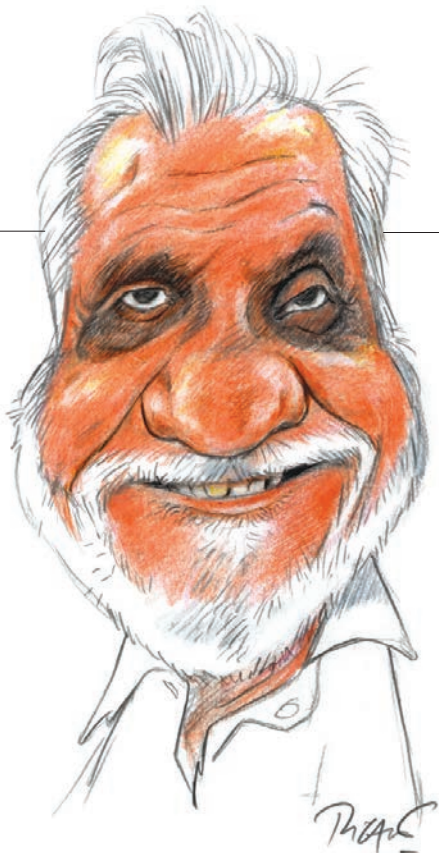
O que surge mais naturalmente para mim é sempre o estilo. Tem essa coisa verborrágica, musical, as rimas (que estão até no título) que dão um tom meio kitsch. Aliás, contesto a hipervalorização da concisão. Sou partidário do excesso, do exagero, da repetição. Por exemplo, na quarta capa do livro há o trecho: “Ele respondia tentando parecer natural, tentando parecer natural, tentando parecer ele mesmo”. Na revisão, me escreveram perguntando se a repetição estava certa. Claro que estava. Às vezes existe apenas porque eu acho que faz parte da música do texto. Nesse caso, tem uma questão de sentido: para ele, *natural era tentar parecer natural*. E eu adoro essas pseudorredundâncias. Uma das que mais gosto no livro é “as coisas começaram a ficar difíceis quando as coisas começaram a ficar difíceis”.

O desafio ao bom gosto e as regras óbvias também se dá de maneira ideológica, provocando o bom senso, brincando com o bom (e o mau) gosto. Hoje há a ditadura do politicamente correto – não se pode verbalizar preconceitos e perversões, por razões óbvias. Mas eles existem. E como vivem camuflados, cria-se essa falsa impressão de civilidade, que é antes de tudo uma hipocrisia. É preciso dar voz a essas ideias, conhecer seus argumentos, até para termos base para contra-argumentar. A literatura é o veículo ideal para isso, por não ter limitações de espaço, por não passarmos por tantos filtros, por já pegarmos um público com certo grau de sofisticação. E por ser território do indivíduo, claro, por ser das poucas artes em que prevalece, acima de tudo, a verdade pessoal.

O LIVRO



O prédio, o tédio e o menino cego
Editora Record
Páginas 344
Preço R\$ 49,90



Raimundo CARRERO

Águias solitárias fazem o leve caminho no ar

A minha alma é irmã de Deus é um romance da juventude sem identidade

Fazia tempo estas palavras queimavam os meus dedos. E a minha alma. Elas vinham da *Bíblia* e ficavam ali diante dos meus olhos, no papel, e pediam para pulsar no meu texto. Até Camila, a menina que sonha ir para o céu a fim de desfilar no exército das onze mil virgens, ouvia-as. Estava só e abandonada, na imensa solidão da noite recifense, empurrando uma carroça vazia, sem comida. O narrador inominado que a acompanha lembra, em meio aos faróis acesos dos carros e das portas que se fecham a cada uma das suas amarguras, nas ruas do Recife, que ela “tem que dormir no terreno ao lado da casa. E ainda ouve as batidas do martelo. Nem mesmo teria jantar. Que palavra estranha. Sempre palavra. Palavras são águias, Camila, palavras são águias no caminho do ar”.

A personagem acaba de perder seu único bem: as ruínas de uma casa desabitada no bairro da Boa Vista, onde dormia e tomava banho. Os operários batem os pregos nos últimos tapumes e ela não pode entrar, mas ainda lhe resta última esperança: o lixo, onde se deitará para dormir. Expulsa de casa, expulsa da vida. Procura um papel para se cobrir, e o narrador, que a acompanha e com quem conversa, procura ainda as derradeiras palavras que a consolem, dizendo que o jantar – não comera um único pão durante o dia – é apenas uma palavra. E o que é uma palavra, enfim? Uma palavra é indecifrável, um enigma, uma esfinge, tão misteriosa quanto o caminho de uma águia no ar procurando alimentos. Mesmo bela, superiora e a voar, valente, desenha riscos que não podem ser classificados.

Quando comecei a pensar em *A minha alma é irmã de Deus*, romance agora lançado pela Editora Record, do Rio de Janeiro, a personagem Camila se impôs com a sua rebeldia e a sua generosidade. Nascia como nasce a maioria dos meus personagens: de uma página de jornal. Cedo da manhã lendo, descobria-a: ela estava ali, completa, embora apenas os olhos – dois olhinhos inquietos e sofridos – aparecessem numa foto colorida, mas cheia de sombras. Era o dia 9 de março de 2006. A matéria contava a história de uma menina de 12 anos que vivia nas estradas, prostituída, e que se tornara amante de um caminhoneiro. Preguei o recorte no meu álbum e garanti: ela vai me acompanhar durante, pelo menos, dois anos. Errei por um ano. Ela ficou três anos. Aliás, nunca mais vai sair de mim.

Fiquei, também eu, marcado, a ferro e fogo, pela trajetória da menina, no início era apenas uma menina até envelhecer, e pelas inquietantes palavras que a acompanhavam enquanto ela sofria fome e sede, abandonada da sorte, esquecida pelo destino, embora animada por um fiapo de esperança. Ela vai se tornando cada vez mais calada, cada vez mais silenciosa, cada vez mais humilhada, até que se encontra naquela situação em que só pode ser consolada pelo caminho das águias. Nenhum gemido, nenhum ruído, só a vida com o

seu sentimento de adeus. Permanente sentimento, revelado no parágrafo:

“Havia silêncio para cada coisa – ela aprendeu muito cedo na vida. Silêncio para janela, silêncio para porta, silêncio para cadeados, silêncio para lixo, silêncio para silêncio. Silêncio. Sumindo, muito devagar, com os ventos, tudo muito devagar, lentamente. Afundando na noite, sempre afundando, a noite do Recife coberta pelo silêncio. Pelas ruínas. Pelo silêncio da noite, pelas ruínas trancadas. O silêncio do Recife parece se espalhar e escurecer. Porque nessa hora todo silêncio é escuro. Por isso é ainda mais silêncio. Todo esse silêncio do Recife. Um silêncio que naufraga, afunda, some. E com ele, as pessoas. E as pessoas vão entrando no silêncio, no Recife, e começam a sumir. As pessoas somem tragadas pelo silêncio. Bem devagar, muito devagar, elas somem. E pronto. É assim que o mundo vai embora?”

De certa forma, este é o mundo que povoa a alma de Camila, sequestrada pelos “Soldados da pátria por Cristo”, uma seita religiosa criada por Leonardo, um homem bêbado, que anda faminto pelas ruas, e toca saxofone nas calçadas sempre que tem fome e sede. É acompanhado pelas irmãs Raquel e Ísis,

Perdeu-se a Beleza como manifestação do Maravilhoso, para investir numa espécie de amoralismo

e pela quieta Mariana, uma mulher do Sertão, cujo principal traço é a humildade, incapaz de falar enquanto não é ordenada. E, ao lado deles, patético e sóbrio, o camelô Alvarenga, uma espécie de duende a proteger Raquel, a prostituta que se joga no mundo porque tem um corpo social. Para atrair os fregueses no cabaré, Alvarenga toca uma corneta com toque marcial e é presenteado por Raquel com um peixinho de chocolate, que os

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

CONCURSO

Fliporto renova premiação para textos literários

Em parceria com a Golmobile, a Fliporto – Feira Internacional Literária de Porto de Galinhas (PE), vai promover o 2º Prêmio Literatura no Celular, com o objetivo de estimular a produção e leitura de textos literários através da telefonia móvel. O participante deverá enviar o texto, com no máximo 160 caracteres, de um celular da Oi para o número 4833. Mais informações pelo fone: (81) 3267.5787.

ARTES

Pesquisadora analisa o processo de legitimação dos artistas em Pernambuco

O que legitima o artista atualmente? Quando se começou a propagar a ideia de que “todos nós somos artistas” (Andy Warhol), a pergunta ganhou mais pertinência ainda. A artista plástica, curadora e pesquisadora pernambucana Clarissa Diniz tenta responder isso no livro *Crachá* (edição da autora através do Funcultura). Ela pesquisa particularmente o período de 1970 a 2000, em Recife–

Olinda. O resultado é bastante revelador dos bastidores das artes plásticas em Pernambuco, como na polêmica entre artistas “vencionados” (que se automitificavam) e os que produziam profissionalmente (vistos como “vendidos”). Ela aponta, ainda, os vários processos de legitimação do artista: pelos pares, pelas instituições, pelo mercado, pelos especialistas, pela mídia, pelo público etc.

MODA

Título aborda o penteado como fonte de renda

A cabeça raspada, que hoje é sinal de modernidade, na Roma antiga evidenciava inferioridade, pois só escravos, prisioneiros e traidores usavam este corte. A rivalidade entre louras e morenas. O mistério das ruivas. A personalidade revelada através da escolha do penteado. Estes são alguns dos temas do curioso livro *A história do penteado*, de Silvia Marques, que a Matrix Editora está lançando.

RENATA CADENA



recebe nas pontas dos pés, como se fosse uma foca amestrada. Vivem em ruínas nos bairros do Recife, até que são expulsos. E logo procuram outra ruína, e mais outra, e mais outra, circulando sempre entre ruínas, silêncio e miséria. Mas não deixam de rezar e a gritar “amém, amém”. Com a indolência de quem não sabe improvisar um sermão.

É claro que, para escrever este livro, recorri a várias técnicas, uma delas atingindo a própria Camila. Em certo sentido, ela é, ao mesmo tempo, Camila, Raquel, Ísis e Mariana, além de uma remota Paloma. Quando precisa ser Raquel, é Raquel, quando necessita ser Ísis – de quem tem muito medo –, é Ísis, e gosta, particularmente, de ser Ísis. A multiplicidade de caráter é também a multiplicidade de corpos. São personagens, na verdade, que vêm de outros romances meus, porque *A minha alma é irmã de Deus* é o quarto, que fecha a tetralogia *Quarteto áspero*, iniciada com *Macã agreste*, seguida de *Somos*

pedras que se consomem e *O amor não tem bons sentimentos*. De maneira que, para escrevê-lo, fui em busca de outra técnica não muito usual no Brasil e que se chama intratextualidade. Ou seja, usei textos meus de outros romances, assim como fiz em relação a personagens, para formar o tecido literário do livro. Às vezes, por exemplo, tive que trocar nomes de personagens. É o caso de Camila, que se chamava Sofia em *Macã agreste*, e que, num romance futuro, pode voltar a ser Sofia, a filha de José. Há, ainda, um intertexto – ou seja, o uso de palavras e frases de outros autores, que dão ao romance aquela universalidade de vozes de que tantos falamos. Sem imitação. Sem uma única imitação.

No entanto, uma das minhas preocupações centrais procura identificar uma espécie de cinismo que começou a tomar conta da sociedade brasileira. Só brasileira? Onde tudo é justificado pela estética feia, conforme expressão de Ariano Suassuna, na *Estética*.

Perdeu-se a Beleza como manifestação do Maravilhoso, para investir numa espécie de amoralismo, que tanto influencia na estética quanto na ética. Daí o feio que aparece no romance e no patético que representa o comportamento humano, numa espécie de ausência do mundo.

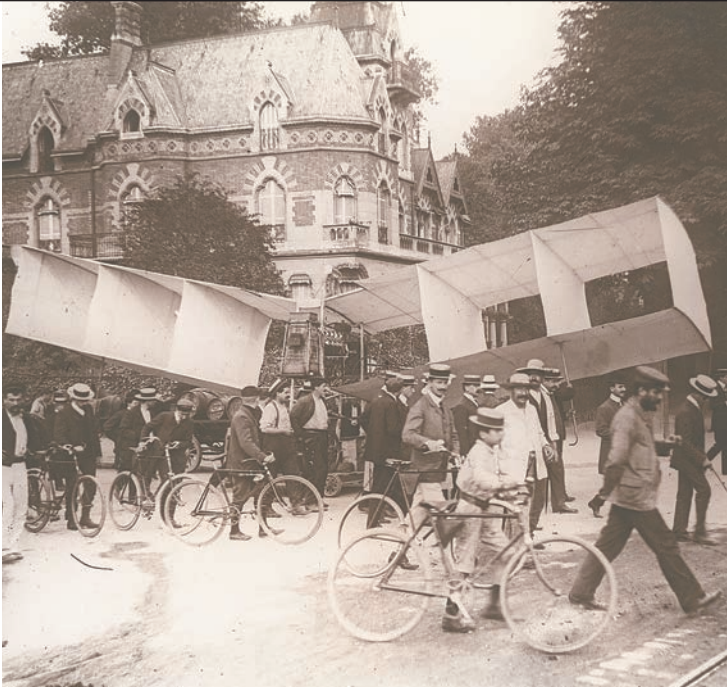
Além disso, *A minha alma...* procura reunir as técnicas que estudamos em nossa oficina e que estão, didaticamente, em *A preparação do escritor*, publicado pela Editora Iluminuras, e que também está nas livrarias, em lançamento recente. Técnicas que venho desenvolvendo há muito tempo e que completam meu outro livro *Os segredos da ficção: um guia na arte de escrever narrativas*, da Editora Agir, 2005, Rio de Janeiro.

Mas não vou esquecer nunca aquelas palavras de Emily Dickinson, pronunciadas no pátio da segunda parte do livro, e que define o caráter de todos os personagens: “Aquilo que chamam de amor é o exílio”.

AUTOBIOGRAFIA

Livros de Santos-Dumont são lançados pela Taller

Sob o título geral *Santos-Dumont, de próprio punho*, a Editora Taller está lançando em dois volumes os livros *Dans l’air – No ar* (1904) e *O que eu vi – O que nós veremos* (1918), relatos autobiográficos do Pai da Aviação. Neles são relatados os principais momentos da vida do inventor mineiro, desde a infância até a glória como construtor de balões e dirigíveis, e os desafios de fazer voar máquinas mais pesadas que o ar, como o 14-Bis (ao lado).



LANÇAMENTO

Editora Paulus lança coleção de DVDs abordando aspectos pedagógicos da filosofia

A Editora Paulus fechou parceria com a Atta – Mídia e Educação para, sob coordenação do professor Antônio Joaquim Severino, bacharel e mestre em Filosofia pela Universidade Católica de Louvain, Bélgica, lançar a coleção de DVDs *Filósofos e a Educação*. Nela, o pensamento de Sócrates, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, Descartes, Rousseau, Kant, Marx, Nietzsche e Gramsci

é explorado em seus aspectos pedagógicos. Em linguagem objetiva e acessível, Severino mostra a necessidade da filosofia no currículo da educação básica e reflete sobre como é importante dialogar com o pensador antigo para entender e enfrentar as problemáticas de nossa época. Cada DVD tem em média 25 minutos e o preço de R\$ 35. Informações: (11) 3789.4000.

PERFIL

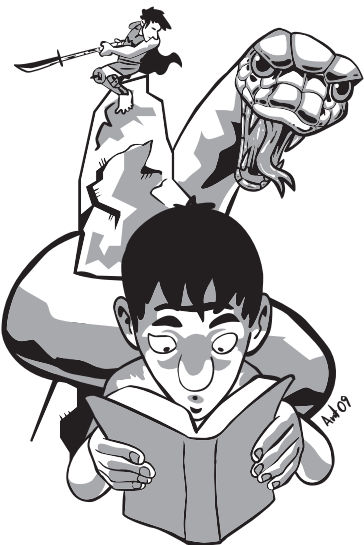
FLORA PIMENTEL



Entre letras, histórias e narrativas

Dono de um sebo repleto de revistas e livros, Bigode não aprendeu a ler

Ana Braga



Bi-go-de. Bigode quer aprender a ler e escrever. Quem se habilita? Material não vai faltar. Vontade também não. Ele tem livros e revistas de todo tipo. Tem de enciclopédia a gramática. De José de Alencar a Raimundo Carrero. De Agatha Christie a Mario Puzo. De gibi a *Playboy* (se bem que dessa basta ver as figuras!). É que Bigode, de 51 anos, vende livros e revistas usados, numa esquina da Encruzilhada (redundância que diz muito da sua agonia de querer e não poder). Bigode vive entre letras, histórias e narrativas, compartilha essa literatura com os fregueses, mas não sabe o que ela conta. Sabe apenas que vale muito. Vale bem mais do que os R\$ 3 ou R\$ 5 cobrados pelos livros e revistas usados.

Bigode quer aprender a ler os nomes das linhas de ônibus que usa. Quer assinar o nome completo, João Joaquim da Silva, no RG, em vez de sujar o polegar no carbono. Desde cedo ele tem o documento assim, de analfabeto, porque desde criança trabalha. Aos sete anos de idade vendia pipoca. Era pipoqueiro na Praça de Casa Forte. E não botou o pé na escola quando criança. Foi um dos 18 filhos de dona Margarida Pereira de Brito, que Bigode chama carinhosamente de “bebezinho”. “Minha mãe é tudo meu. Se minha mãezinha soubesse ler, eu era outro”, entende Bigode. Mãe e filho são dois dos 900 mil analfabetos de Pernambuco com idade acima dos 15 anos (12,5% da população total do estado, de oito milhões).

Não há resignação. Bigode não sabe ler nem escrever, mas dá um jeito de identificar assuntos, autores e títulos, para atender bem freguês. Diz que sabe reconhecer um livro bom (bom a ponto de custar R\$ 5, máximo cobrado). “Só de pegar no livro eu sei que é bom. É pelo ator (sic) do livro. De primeiro, era pelo papel e pela grossura do livro. Mas dona Conceição me ensinou a dar valor a livro bom”, relembra Bigode. Livro bom para ele são Sid Michel e Agata Cris (sic duplo), por exemplo. Revista de gente famosa é *Caras* e de mulher bonita, *Mari Clé* (sic com sotaque).

Dona Conceição Batista, deficiente visual, foi a professora voluntária que, em 2007, mostrou o bê-a-bá a Bigode. A pedagoga, à época com 53 anos, usou o braille para criar uma cartilha especial para o aprendiz. E no caderninho de papel pautado (usado até hoje), Bigode passou a ler e fazer o A de Agatha Christie, o O de *O poderoso chefeão*, o U de Umberto Eco. Com as consoantes ainda tem dificuldade. Ainda chama o Q de *Quatro rodas* de J e G. “Para aprender tem que ter paciência. Tem que ficar pra frente e pra trás, indo e voltando nas letras”, diz o comerciante.

A pedagoga não pôde continuar as aulas e indicou o aluno a uma turma de jovens e adultos de uma

escola pública estadual. “Só que o pessoal fazia uma letra que eu não entendia. E outra, a nova professora tinha noite que ia e noite que não ia dar aula. Eu já não sabia de nada...”, lamenta Bigode, um teimoso da palavra. Já se prometeu que até o final do ano vai trocar a identidade com a digital do polegar pela com assinatura a caneta. Sob os cuidados de outros voluntários, entre um freguês e outro, ele reescreve incansavelmente o próprio nome naquele mesmo caderninho que dona Conceição deixou.

XUXA NUA

Bigode conta com Xuxa (a própria apresentadora) para reformar a barraca que tem há 25 anos na Rua Pedro Alves, na Encruzilhada. Ele guarda uma relíquia, digamos, sacana. Trata-se de um exemplar da revista *Status plus*, de 1981. “Toda nudez do melhor gol de Pelé”, escrecha a legenda da foto da capa com a então Rainha dos Baixinhos e senhora Edson Arantes do Nascimento. O título está conservado e embalado em plástico, para evitar as mãos dos curiosos. Nem pernoita na barraca. “Quero botar para vender na internet. Isso é uma coisa rara. Dá para tirar uns duzentos reais”, aposta o comerciante, sem saber que nos sites e sebos virtuais tem gente pedindo o dobro pela revista (sem incluir o frete!). Bigode conta ser um dos pioneiros no ramo (do sebo e não da pornografia). “O primeiro que botou livro na cidade fui eu e o irmão do meu cunhado. Foi debaixo do edifício Trianon, na calçada, igual como é hoje”, descreve.

O bigode arrebitado, meio Dalí, justifica o apelido. Nem se Xuxa lhe oferecesse a reforma da barraca e os estudos, diz o comerciante, rasparia o ornamento. “Isso eu agaranto. Minha mulher e meu filho já tentaram tirar meu bigode quando eu tava dormindo, depois de umas cervejas, mas eu escapei”, vangloria-se. A vaidade de Bigode é mantida no espelho retrovisor improvisado na prateleira da banca. E a sua filosofia de vida está pendurada numa placa com os dizeres: “teu olho grande pra mim é cego. Não me inveje. Faça como eu, trabalhe”.

Com trabalho, Bigode educou o único filho, de 23 anos, que sabe ler e escrever. “Eu posso abrir a boca para dizer que tenho um homem, viu?” , declara-se, exibindo o *curriculum vitae* com foto, que inclui um curso básico de vinhos e outro de segurança operacional tática (feito com o Exército brasileiro no Haiti). “Fui criança de rua e não dei pra bandido. Sou muito vivido. Sei quem é do bem e quem é do mal. Só não sei ler e escrever. Se eu tivesse leitura...”, suspira Bigode. Se tiver leitura um dia, saberá o que contaram sobre ele nesta página. Quem se habilita?

PERFIL

MARIA ALICE AMORIM



A criação entre pedregulhos e penhascos

O domínio e fascínio da linguagem na obra de Pedro Américo de Farias

Mariza Pontes

Para quem nasceu nas brenhas do sítio Urtigas (Fazenda São Joaquim, Ouricuri, 1948) e carregou frete na feira para ajudar a criar os 13 irmãos, o poeta Pedro Américo de Farias foi longe, chegando a recitar em Paris em 2007. No Recife, onde chegou em 1968, ele foi professor, tornou-se uma referência como sebista e foi presidente da Fundarpe. Essas atividades lhe deixaram 13 anos “só cuidando das obras dos outros”. O gosto de criar ressurgiu ultimamente, unindo poesia e música, duas linguagens que lhe apaixonam. Além dos recitais, como os da Cooperativa de Poesia da Periferia de São Paulo-Coperifa, ele voltou a se dedicar aos próprios livros.

O resultado é uma penca de projetos que estão conquistando o público, como o lançamento recente de *Linguaraz* e a participação, este mês, na Bienal Internacional do Livro do Recife, quando serão lançados os livros *Joseph Língua* (editora Atelier, de São Paulo), integrando a coleção LêProsa, coordenada pelo escritor Marcelino Freire, e *Parimpar, uma peleja desvirtuada*, embate poético com o amigo Wilson Araújo de Souza.

Para 2010, Pedro pretende lançar *Cordel de pedra*, nascido de uma sugestão do poeta Marcelo Mário de Melo, para o qual já escreveu algumas glosas, tipo de composição que desenvolve um mote em quatro versos. O título brinca com seu nome, pedra na raiz latina, e com a forma como assina sua produção, unindo com o A inicial do sobrenome: PedrAmérico. Outro projeto ainda está amadurecendo é *Presepopeia*

ouricuriense, que deverá ser lançada em Ouricuri, uma espécie de tributo a sua terra natal.

O poeta explica que a linguagem domina sua criação artística: “A maioria dos meus poemas reflete sobre a criação poética, a língua, as linguagens, a importância do trato com a palavra, a crítica do discurso, isso tudo povoa o meu texto”. Um exemplo é *Joseph Língua*, personagem extraído de pesquisas sobre as Entradas e Bandeiras que desbravaram o interior do Brasil no início do século 17. Pedro conta que todos os grupos tinham um intérprete (o “língua”), em geral um maluco esperto que facilitava o contato com os índios. *Joseph Língua* conta a história de um antepassado para um jornalista, que a edita e vende... para o próprio Pedro Américo. Essa é uma das marcas registradas do poeta, interagir com os personagens dos seus livros.

Ótimo contador de “causos”, ele relembra episódios tragicômicos da juventude, como o dia em que escapou de ser preso graças a um show de Chico Buarque de Holanda, enquanto a polícia política o procurava por estar guardando uma mala cheia de livros de um amigo militante, na Casa do Estudante de Direito. “Eu nem era militante, me borrava de medo”, justifica, dizendo-se avesso a qualquer doutrinação. O medo lhe fez abandonar o curso de Direito – onde pululavam militares (disfarçados de alunos) – e empreender viagem inspirada no roteiro guevariano, que passava pela Bolívia, Chile e Peru. Na mochila, levava seu primeiro livro de poesias, uma brochura sem título, patrocinado pelo movimento MediArte e Livraria Livro 7. “Era totalmente influenciado pelo poeta negro mineiro Adão Ventura”, confessa.

CAMINHO INVERSO

Menino trabalhador, sem tempo para brincadeiras, ele conviveu pouco com o cordel, mas ficou marcado pela lembrança do cego Inhanha e sua viola, que cantava “como é triste querer ver e não poder”, gravado pelo Trio Nordestino. Anos depois, no Crato, presenciou uma cantoria de Patativa do Assaré, no armazém onde os primos engarrafavam água mineral. Somente no final dos anos 1970, no Recife, começou a conviver com grupos apologistas da poesia popular, de Sertânia e do Pajeú.

A literatura entrou na sua vida graças à irmã mais velha, que comprou o *Tesouro da juventude* e uma coleção dos melhores contistas do Brasil, que trazia Guimarães Rosa, Dalcídio Jurandir, Herbert Sales, entre outros. Mas logo ele passou às leituras políticas, ao conviver com a contracultura e a literatura underground, *beatnik*. Nessa época, ainda leu avidamente filósofos do século 20, e também Nietzsche. Influenciado pelo concretismo e surrealismo, pelas expressões modernistas da poesia e da literatura em geral, ele adotou como método de criação o automatismo psíquico: deixar fluir as ideias e depois corrigir os excessos. Espelhado na cultura tropicalista e na antropofagia cultural defendida por Oswald e Mário de Andrade, incorporou uma visão crítica da realidade que lhe distancia dos preconceitos em literatura e da arte ufanista. Apesar de apreciar o cordel, é contrário ao chauvinismo que exalta um sertão idealizado, que ganha o mercado ajudando a preservar uma cultura coronelista.

Quando incorporou a poesia popular à sua trajetória, Pedro passou a organizar rodas de cantoria no seu boxê, na Praça do Sebo, que ficaram famosas no Recife. Passou a escrever cordéis – segundo ele, poucos e opinativos.

Em *Paralelepípedo*, um dos poemas publicados no livro *Linguaraz*, o poeta dá a melhor definição de si mesmo: “nasci pedro, assim me encaixo/ pedregulho entre pedreiras/ rolando penhasco abaixo/ cresci pedra por ladeiras/ açudes, roças e rios/ fui trempe para fogueiras/ sofri febres, calafrios/ senti no couro chibatas/ meus ais viraram assobios/ sonhei sonhos em cascatas/ neles cacei capivaras/ vivi com nefelibatas/ habitando nuvens raras/ caí que nem bendengô/ amassando algumas caras/ mas hoje sou pedra-mó”.

PRODUÇÃO LITERÁRIA

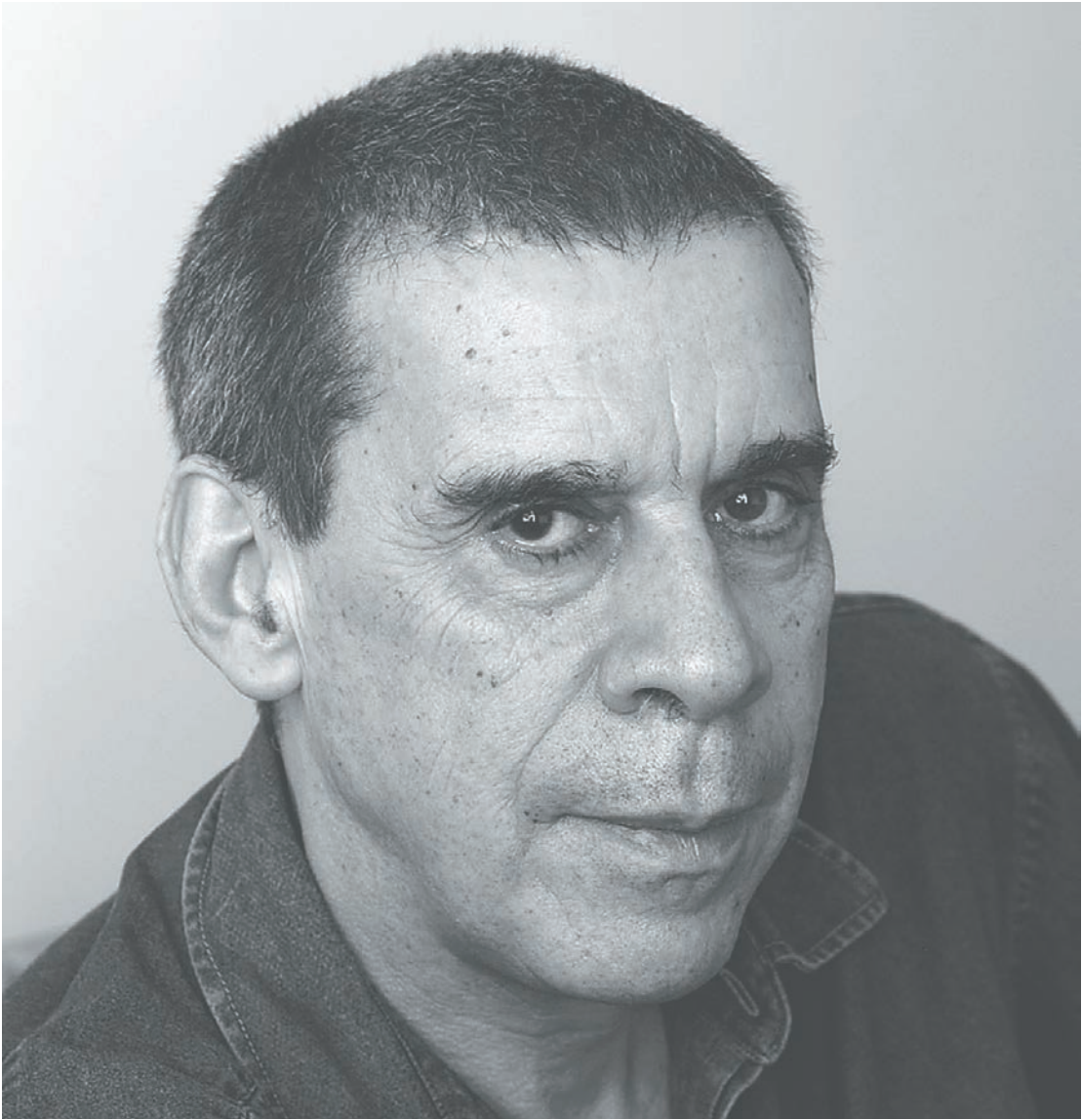
Pedro Américo publicou um livro sem título (1973), *Conversas de pedra* (1981), *Picardia* (1994), *Pernambuco: século e meio de ficção* (2001), *Linguaraz* (2009) e participou das antologias *Pernambuco – terra da poesia* (2005), *Imagem passa palavra* (Portugal, 2004), *Id10* (Portugal, 2007), *Un regard transatlantique – Um olhar transatlântico* (Nantes-Recife, 2007).

ENTREVISTA
Sérgio Sant’Anna

Literatura é risco e o escritor pode levar um tombo

Lançamento do longa-metragem *Um romance de geração*, dirigido por David França Mendes, motiva a Companhia das Letras a reeditar o livro homônimo de Sérgio Sant’Anna

BEL PEDROSA/DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Rogério Pereira**

Um romance de geração, de Sérgio Sant’Anna, é um livro estranho. Esta estranheza fissa o leitor, arrasta-o com mãos sedutoras para uma armadilha, para uma emboscada, de onde se sai com a sensação de que a literatura sempre abre fendas para se renovar e transformar-se em arte. Lançado em 1980 – quando a ditadura ainda nos apossava com a lembrança de seus coturnos e violências –, o romance (?) ganha agora nova edição pela Companhia das Letras, impulsionada pelo lançamento do longa-metragem homônimo dirigido por David França Mendes. No filme, Sérgio Sant’Anna – um dos autores mais inventivos da literatura brasileira e que não recua diante do risco que a ficção pode proporcionar – interpreta a si mesmo.

Ao folhear o livro, o leitor desavisado terá certeza de que está diante de uma peça teatral. A verdade, neste

caso, passeia por um mundo embaçado. Tudo é turvo, translúcido. Não se tem certeza de nada. Estamos diante de uma peça, de uma novela, de um romance ou, ainda, de um “teatro-ficção”, como se autodefine o livro? Estas perguntas se desfazem com rapidez ao adentrar o bagunçado apartamento de Carlos Santeiro, um escritor que recebe uma jornalista para uma entrevista. A partir daí o leitor é arrastado com facilidade e fascinação pelas quase 100 páginas. Em tão breve espaço, Sant’Anna dá vida a um imenso território de contradições, dúvidas, amores, sexo, tristezas, questionamentos. Tudo costurado em longos diálogos entre os dois personagens. Saímos da leitura tal qual Carlos Santeiro e a jornalista deixam a cena: embriagados.

Nesta entrevista por e-mail ao **Pernambuco**, Sérgio Sant’Anna fala de *Um romance de geração* (o livro e o filme), de sua obra, da internet, das gerações de escritores, das oficinas de criação literária, entre outros assuntos.

O filme *Um romance de geração*, de David França Mendes, foi lançado em agosto. Além de ceder seu romance para a realização do longa-metragem, o senhor participou diretamente da produção interpretando a si mesmo. Como foi esta experiência de levar o livro para o cinema? Antes, *A senhorita Simpson* inspirou o diretor Bruno Barreto no filme *Bossa Nova*, cujo resultado não é dos mais consistentes. Quais as diferenças entre estes dois trabalhos cinematográficos em que sua obra está no centro? *Bossa Nova* é um filme do Bruno Barreto, com objetivos mais comerciais, de entretenimento. Já *Um romance de geração* é um filme feito com absoluta precariedade de meios de produção, orçamento zero, mas nele o David França correu todos os riscos. É um filme muito interessante, ousado. Mas prefiro que outros comentem o filme, já que estou muito envolvido. Houve mais um longa-metragem adaptado de obra minha: *Crime delicado*, de Beto Brant, bem interessante. Também foram feitos vários curtas-metragens interessantes baseados em minha obra.

Em *Um romance de geração*, o personagem principal diz “no fundo, é isso que todo romancista quer: escrever o grande romance da sua geração”. O senhor considera que conseguiu fazê-lo ou toda a sua obra compõe um quadro que, ao fim, dará conta de sua geração? Se minha obra formar um quadro geracional, do que não estou muito certo, foi por tratar de temas e com um tratamento formal que dizem respeito aos tempos atuais.

O senhor sempre é apontado pela crítica com um autor ousado, que não teme o risco, as experimentações formais. Esta é a sua maneira

“As oficinas literárias não ensinam ninguém a fazer boa literatura. O que elas podem é desenvolver a escrita de alguém

“Há um excesso de produção para poucos leitores. Já achei que menos gente devia escrever. Hoje não acho mais

de afirmar sempre que a “literatura é risco”? De que a literatura é risco, eu não tenho a menor dúvida. Sinto-me sempre na corda bamba, com possibilidades de levar um grande tombo.

A sua obra espria-se pelo conto, romance, poesia, novela, peças. Em que gênero literário o senhor se sente mais à vontade? Qual deles lhe proporciona mais prazer no momento de criar? Sinto-me bem mais à vontade escrevendo ficções curtas e médias. Esses formatos me caem naturalmente. E como leitor também gosto muito de contos e novelas, que costumam ter um tratamento de linguagem enxuto e inventivo. Basta ler tudo de Dalton Trevisan que isso se confirma.

Lançado em 1980 (ainda com a ditadura em nossos calcanhares), *Um romance de geração* ganha agora uma reedição. O senhor acredita que o livro terá uma recepção diferente daquela de há quase 30 anos? As inquietações que o romance carrega também atrairão os leitores em formação atualmente? Eu realmente não sei como as pessoas estão lendo *Um romance de geração*. Como se trata de reedição, houve poucas resenhas. Li uma muito favorável no caderno *Pensar* (*Estado de Minas* e *Correio Brasiliense*) e outra meio contra, no *Idéias*, no *Jornal do Brasil*. Mas entre os motivos que me levaram a reeditar o livro estão a filmagem da obra e o estudo dela em algumas teses. A professora Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília, por exemplo, inclui o livro em seus cursos de literatura brasileira contemporânea. Na época do primeiro lançamento, o livro foi muito discutido e comentado na imprensa. Agora deve estar havendo essa leitura silenciosa, vamos ver que retornos eu

recebo. Aliás, já recebi vários, por e-mail, de pessoas que curtiram bastante o livro. Mas não cabe a mim ficar falando dele. Acho até que já falei muito nesta resposta.

Sem levar em consideração as atrocidades causadas pela ditadura ao Brasil, que benefícios ela trouxe à produção literária, pois muitos dos grandes escritores brasileiros estavam em plena atividade nas décadas de 1960 e 1970? Não penso que a ditadura tenha trazido algum benefício à literatura brasileira. O que aconteceu é que os anos 1960 e 1970 foram períodos de grande criatividade e invenção em todas as artes, no mundo inteiro e, portanto, aqui no Brasil também.

O que aproxima ou afasta a sua geração de escritores desta que se forma a partir do boom da internet, dos blogs, sites, livros on-line etc.? Acho esta uma pergunta bem difícil de responder. As pessoas que escrevem em blogs são muito diferentes umas das outras. Há os mais sérios, os mais soltos, os que fazem da internet um espaço de ruptura, os que apenas a utilizam como meio. Talvez na literatura brasileira das décadas anteriores à internet tenha existido revistas que tinham muito esse espírito do novo, inclusive no que toca à parte gráfica. Mas a internet operou maravilhas em torno da utilização do espaço na literatura, há todo um trabalho de invenção em alguns sites e blogs, a partir dos recursos do computador. Mas mesmo autores de uma geração passada, como Haroldo de Campos, aproveitam a tecnologia, como aliás ele sempre aproveitou a tecnologia a seu dispor.

Em recente entrevista à revista *Continente* (do Recife), o cronista português João

Pereira Coutinho (colunista da *Folha de S. Paulo*) disse: “A literatura contemporânea brasileira é muito pobre. Da nova geração prefiro nem falar”. A atual literatura brasileira desmente tal afirmação ou Coutinho tem um pouco de razão? O que mais lhe agrada na nova geração de escritores brasileiros, da qual seu filho, André Sant’Anna, faz parte? Eu não sei quem é João Pereira Coutinho, nunca o li, mas deve ser um grande escritor português para desancar tanto a literatura brasileira. Eu poderia citar dezenas de autores importantes que escrevem no Brasil, mas isso seria até exaustivo.

Além das facilidades para divulgar a produção ficcional (principalmente por meio da internet), há uma imensidão de festivais literários, encontros, feiras de livros espalhada pelo Brasil. É mais fácil ser escritor hoje em dia? Ou há uma banalização da literatura com muito mais barulho do que qualidade? É mais fácil veicular um trabalho hoje em dia, claro, por causa da internet, dos meios de impressão que o computador propicia etc. E vejo também as editoras interessadas em apostar em autores novos. Mas o fato também é que há um excesso de produção para poucos leitores. Já achei que menos gente devia escrever. Hoje não acho mais. Que cada um se lance na aventura da escrita como desejar, e o tempo vai filtrando o que merece permanecer ou não. Um bom escritor sempre acaba encontrando o seu espaço, dentro do restrito mercado brasileiro, claro.

O Brasil e seus quase insolúveis problemas são presenças fortes em *Um romance de geração*. Como é ser escritor em um país em que há quase 50 milhões

de analfabetos (33 milhões deles considerados analfabetos funcionais) e um presidente que diz que não lê porque lhe “dá muito sono”? Esse problema vergonhoso da incultura é tão velho quanto o Brasil. E nenhum governo o ataca de verdade. Lula menosprezar o livro é lamentável, logo ele que precisaria tanto. Dizem que, certa vez, Darcy Ribeiro aconselhou Brizola a ler um livro. “Mas que livro, Darcy?”. “Qualquer um, Brizola, desde que seja um livro”.

Há pouco tempo, assiste-se a uma proliferação de oficinas de criação literária pelo Brasil. Alguns autores se dizem “formados” em oficinas, algo muito comum nos Estados Unidos há décadas. Como o senhor avalia este fenômeno? Estas oficinas têm a capacidade de formar escritores? As oficinas literárias não ensinam ninguém a fazer boa literatura. O que elas podem é desenvolver a escrita de alguém, discutir problemas técnicos, de linguagem etc. Nos Estados Unidos, surgiram escritores importantes em oficinas, ministradas por autores igualmente importantes. Mas um “conto de oficina” corre o risco de ser bastante esquemático se o aluno cair em certas ciladas. Afinal, muita ótima literatura foi criada exatamente a partir do que não estava nos manuais. Mas um escritor mal-informado não pode dar certo.

O senhor participou do (polêmico) projeto *Amores expressos* e esteve em Praga (República Checa). Como é a experiência de ser “obrigado” a escrever um romance que não estava em seus planos? Eu adorei passar um mês em Praga para escrever um livro. Mas agora o escrevo com grande dificuldade e lentidão. Também

tive problemas pessoais que atrasaram todo o processo.

Que tipo de fascinação a literatura e o livro (este “arcaico” objeto) podem despertar nas crianças e jovens sufocados cada vez mais por sedutoras parafernalias tecnológicas? Sabe que eu não sei? Gostaria de eu mesmo ler alguma pesquisa séria sobre jovens que leem no Brasil. Mas há um dado positivo: apesar de a literatura não ser feita para ser estudada, é importante o papel dos colégios e universidades na formação de leitores.

Que conselho o senhor daria a alguém que pretenda dedicar-se à literatura como escritor? Ler, ler e ler. E, naturalmente, escrever, sempre procurando ser verdadeiro consigo mesmo. E informar-se sobre todas as artes e o máximo de coisas possíveis.

OBRAS ADAPTADAS

O autor Sérgio Sant’Anna teve vários de seus títulos adaptados para o meio cinematográfico, por diretores como Beto Brant e Bruno Barreto. Esses são alguns deles:



Um crime delicado
Editora Cia. das letras
Páginas 136
Preço R\$ 36



A srta. Simpson
Editora Cia. das letras
Páginas 232
Preço R\$ 44,50



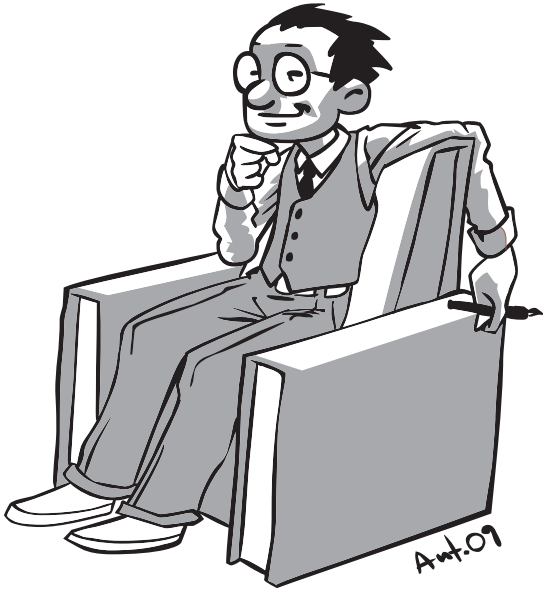
Um romance de geração
Editora Cia. das letras
Páginas 120
Preço R\$ 29,50

GASTRONOMIA

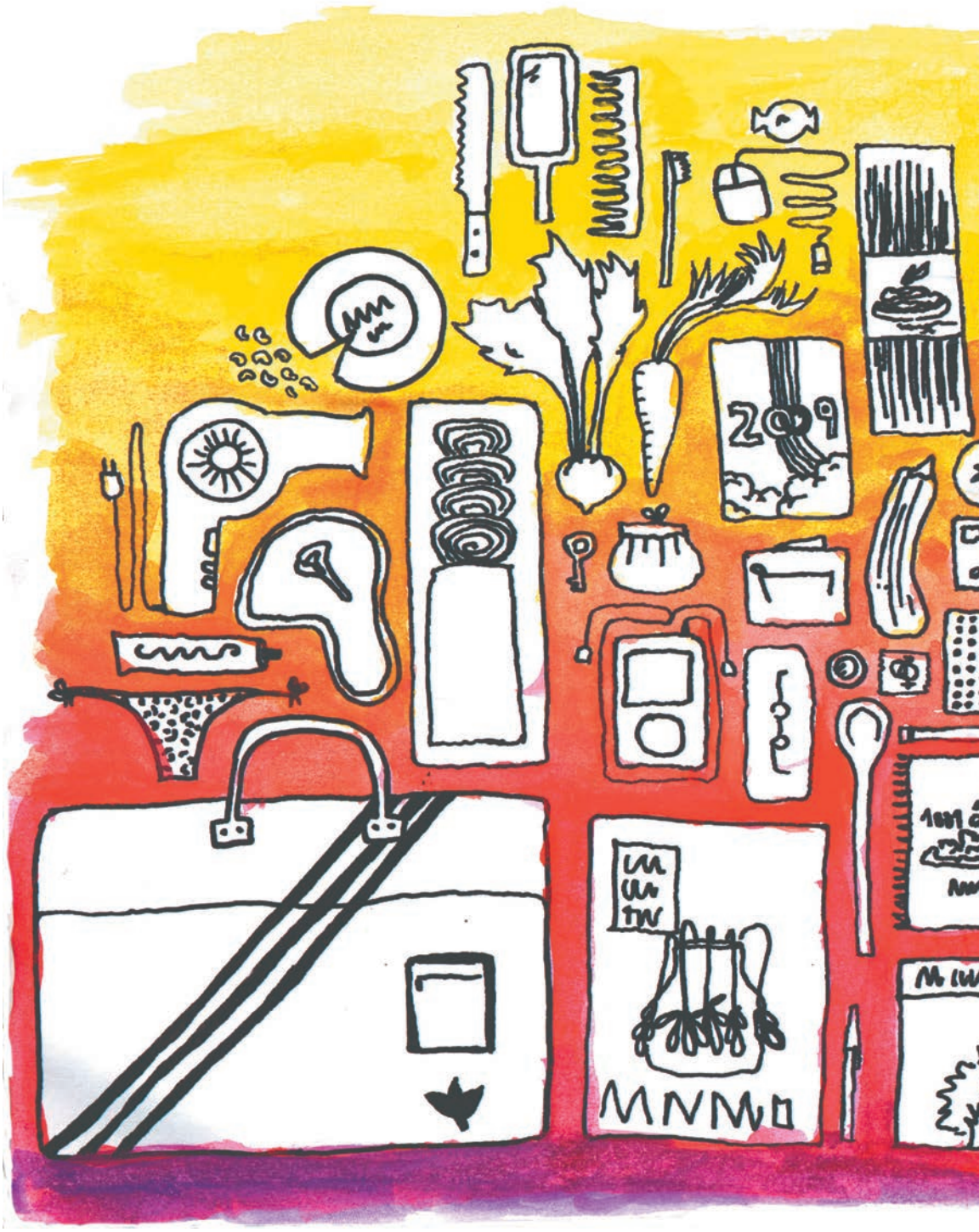
Ofélia é que era cozinheira de verdade

Novos autores apimentam os livros de receitas com sexo, drogas e rock’n’roll

Bruno Albertim



RENATA CADENA



Cuidado com a escolha dos ingredientes e o movimento dos cortes. O velho Bourdain não vai passar a mão na sua cabeça. “Estou partindo do pressuposto de que você é capaz de lidar com uma faca com razoável competência, sem se tornar um perigo para você mesmo e para os outros”, diz ele, na introdução do livro onde decupa os pratos de seu restaurante nova-iorquino. “Não estranhe se, às vezes, eu me dirigir a você, leitor, chamando-o de idiota. Espero sua compreensão e não quero que isso seja levado para o plano pessoal”, continua ele, misto de escritor e chef midiático, que vem colhendo elogios menos por suas (inegáveis) qualidades culinárias e mais por seus dotes literários. “A prosa de Bourdain é absolutamente magnética”, lambeu-lhe uma resenha da *New York Magazine*.

Esqueça a imagem da senhora rechonchuda ensinando bizzus culinários para as moçoilas se encaixarem na foto de domingo. Ofélia agora usa minissaia – além de algumas tatuagens e um belo par de *piercings*. Não são mais nossas tias e avós que nos mostram os caminhos de um bife de panela. Cheios de literariedade, mordidas antropológicas e histórias dignas de várias prateleiras, além das que antes só cabiam na estante de culinária, cada vez mais cronistas se dedicam a nos fazer ir ao fogão e a pensar sobre – e a partir da – comida. Cozinhar, dizem eles, é tão digno e batuta quanto ler ou escrever. Ofélia ainda lava os pratos. Mas não vai servir, depois, a cerveja do maridão. Agora, Ofélia limpa a pia e cai na balada. Ofélia toma um vinho do Porto, enquanto lê o contista maldito revelado na última semana. Cozinhar é pop. E Ofélia adora.

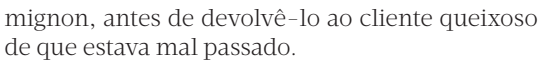
O *The New York Times* mediu o fenômeno no início da década passada. Em 1990, sua lista dos mais vendidos, um termômetro e tanto para todo o mercado editorial do Ocidente, trazia pela primeira vez três títulos gastronômicos. Receitas e temperos entre os dez mais. E Bourdain estava lá. Desde então, o

eterno *beatnik* das panelas já vendeu mais de meio milhão de exemplares. Isso, apenas de *Cozinha confidencial*, seu livro mais conhecido. E não é apenas porque está na TV por assinatura e respaldado pelos esquemas de promoção das *blockbusters* do livro. Até os pequenos comem seu naco de carne. Eu mesmo vi voarem das prateleiras, em menos de um ano, mais de cinco mil exemplares do meu *Recife - Guia prático, histórico e sentimental da cozinha de tradição*, um compêndio de histórias, endereços e receitas que busca situar a história do paladar pernambucano. Independente, o livro tem sido distribuído, ligação a ligação, de maneira completamente artesanal. Mas já recebeu pedidos e comentários de leitores até do interior de Goiás!

Seja qual for a especiaria, queremos temperar nossas estantes: segundo dados recentes da *Gourmand World Cookbooks*, mais de 200 mil títulos de gastronomia foram publicados nos últimos doze anos. Por ano e no mundo, 26 mil novos são lançados. Normalmente, o novo livro de um contista ou romancista sai com tiragem nacional de três mil exemplares. Desejados, os livros de gastronomia já costumam sair com seis mil exemplares impressos.

MEMÓRIAS DE UM EX-PUNK

Como na velha canção daqueles garotos que usavam o mesmo *ray-ban* do Jack Nicholson, a gente não quer só comida. Se no seu *Afinal, as receitas do Les Halles*, Anthony Bourdain está mais focado na missão de ensinar, a nós, os idiotas, como levantar um autêntico molho *bearnaise*, em seus outros livros ele inventa para si uma persona tão interessante quanto qualquer outro herói pop. Em tom de autobiografia, Bourdain conta com quantas grelhas se mexe o mundo da alta cozinha além dos salões platinados e movidos a cartões de crédito. Ficou famoso, por exemplo, o capítulo em que delata colegas exímios na tarefa de cuspir sobre o filé



Ele não é um mero culinariaista. Observem a diferença de tom em relação à saudosa Ofélia, a senhora que, embora caboclamamente brasileira, foi matriz arquetípica nestas latitudes das cozinheiras *american way of life*, loucas por uma centrífuga. “Penso que o segredo é servir alguma coisa antes da refeição,

SUTILEZA

A delicada Nina Horta escreve semanalmente na *Folha de S. Paulo*. No seu *Não é sopa* (Cia. das Letras), ela também nos ensina receitas e que tais. Mas não sem antes nos refogar a imaginação com sua prosa cheia de imagens e sutilezas. Nossa Lygia Fagundes Telles das panelas fala sobre a dieta de grandes intelectuais, de filmes gostosos, de escritores bebedores ou glutões e faz das pequenas ranhuras da rotina motivos para o nosso *Grande Gatsby* possível. “Secretária ou auxiliar deve ser o politicamente correto para empregada doméstica. Aqui em casa é empregada mesmo”, diz ela, no capítulo em que

Acima da linha do Equador, Nina Horta atende pelo nome de Ruth Reichel. Gourmets literários têm passado de mão em mão, quase como quem compartilha uma receita infalível e autêntica de *coc au vin*, seu livro mais conhecido, *Alho e safras* (Objetiva). Sim, ele traz receitas como mexilhões marinados e perna de cordeiro assada com alecrim, o que garante seu lugar na prateleira em cima da geladeira. Mas é com seu híbrido de autobiografia e romance policial que ela fideliza até o mais fastioso leitor. Pinçada de um jornaleco numa cidade californiana para ser crítica gastronômica do *New York Times*, Ruth nos conta como se viu obrigada a usar perucas, cartões de crédito e identidades forjadas, vestidos e até vozes distintas, para poder garantir o anonimato, enquanto avaliava os *steak tartares* da vida, capazes de angariar as estrelas do *Times*. Neste ramo, não se pode deslizar sobre o fio da navalha.

Uma crítica no maior jornal do mundo – numa das praças gastronômicas mais ricas do mundo, onde, entre jantares de negócios, adultérios e pura indulgência, a comida move o mundo – pode erguer ou murchar o suflê da fortuna. “Um grande restaurante é como um cavalo de corridas: pode levar um tempo para descobrir seu estilo, mas quando ele começa a cavalgada, é maravilhoso”, diz ela que, além de receitas, recheia o volume com algumas de suas críticas do tempo em que trabalhou no *Times*, antes de assumir o comando da revista *Gourmet*.

“Cozinhar é o barato mais poderoso. É como ter a ereção mais espantosa, com Viagra borrifado em cima, e ela ainda está lá doze horas depois”, disse o cozinheiro e apresentador gringo Gordon Ransey, que acaba de se juntar à turma de escritores – chefs ou chefs-escritores. No seu grande livro de receitas, há, entre um açafrão e um bulbo de erva-doce, textos sobre temas como o restaurante ideal, vida na cozinha e televisão. Ofélia não quer só comida.

AUTORRETRATO

BÁRBARA WAGNER



A nova dimensão de um escritor: o romance

Autor fala sobre construção do premiado *Galiléia*, sua primeira incursão num gênero que desafiou seu fôlego narrativo

Ronaldo Correia de Brito

Embora tenha começado com o teatro, sempre desejei que minha prosa ganhasse mais espaço e reconhecimento. Escrevo contos desde 1970, porém sempre guardava os meus textos. A novela *Lua cambará* foi publicada no livro *Faca*, da Cosac&Naify, trinta e três anos depois de ter sido escrita e reescrita. Praticante das *Seis propostas para o próximo milênio*, de Ítalo Calvino, investi na multiplicidade, escrevendo para revistas e jornais, roteiros para cinema e televisão, fazendo curadoria de arte, dirigindo espetáculos, mas sempre com a mão na roda dos contos e pensando num romance. Para essa matéria do suplemento **Pernambuco**, escolhi alguns trechos de entrevistas, os que me pareceram melhor definir o processo de construção do romance *Galiléia*.

DESAFIO

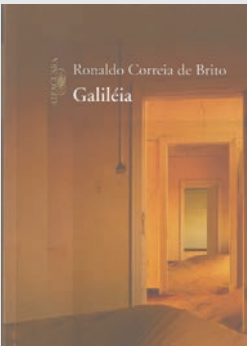
Eu não me considerava capaz de escrever um romance, pois tenho a respiração de um contista. Mas sofria por não conseguir aprofundar discussões que me interessavam, devido ao pequeno espaço que o conto me impunha. Alguns contos se estendiam bastante e já não eram contos, nem novela e nem romance. E eu ficava anos seguidos trabalhando neles, sempre cortando, diminuindo, até alcançar a tensão e a exatidão que eles me pediam. *Eufrásia Meneses*, publicado em *Livro dos homens*, possui um tamanho insignificante comparado ao número de páginas que cheguei a escrever. Ao publicá-lo, 30 anos depois dos primeiros esboços, ele se transformara quase num haicai. Portanto, com esse perfil obsessivo de exatidão, um romance me parecia incogitável, porque nele cabe tudo e eu prefiro sempre o minimalismo. Mas no dia 12 de janeiro de 2000, sentei-me diante do computador e tracei um arcabouço do que viria a ser *Galiléia*. Sou “borgiano” e se não encontro uma boa frase para o começo, o texto emperra. Depois de muito sofrimento, comecei a narrativa na primeira pessoa do plural – “Soubemos notícias do avô Raimundo Caetano bem antes da travessia dos Inhamuns” – e, já no parágrafo seguinte, assumo a primeira pessoa do singular, o que me dá fôlego para continuar narrando – “Penso em voltar para o Recife, obedecendo a sentimentos de desgraça, receios que me invadem em todas as reuniões da família”. Gosto de brincar com os verbos, despertar o leitor com os tropeços que as mudanças no seu tempo provocam. No teatro, alguns diretores usam a técnica do equilíbrio instável, os atores interpretam como se fossem despencar a qualquer momento, e isso mantém a plateia numa permanente tensão. Tento manter o leitor nessa suspensão. Admiro os escritores que falam das alegrias e facilidades em escrever, pois escrevo com muita dificuldade, com uma alta carga de tensão e sofrimento. Sofro para encontrar as palavras exatas, para encaixá-las no lugar certo da frase sem efeitos pirotécnicos. É verdade que vez por outra me animo com algum resultado alcançado. Em *Galiléia*, vibrei com o diálogo entre Adonias e João Domísio, o choque de valores de um jovem de 30 anos e um fantasma com um passado de 300 anos. Situo a conversa num plano real, como se esse encontro fosse mesmo possível e nenhum leitor pudesse

duvidar de que ele acontece de verdade. Construo minha linguagem nessa permanente alternância entre o mítico e o real, num jogo em que os tempos se confundem. Mas não trabalho como o realismo mágico. Tento convencer o leitor de que o mítico e o real são a mesma coisa. *Galiléia* foi publicado com 236 páginas, mas eu já havia escrito 500 páginas quando entrei no impasse do tamanho que daria ao texto, o mesmo conflito dos contos. Descobri que precisaria escrever mais 500 páginas se desejasse aprofundar as histórias dos personagens apresentados e as questões históricas, sociológicas, psicológicas, metafísicas... Meu projeto era bem ambicioso, mas preferi recuar e apertei sem pena a tecla *delete*. Foram dias de horror. Acredito que fiz a escolha certa. O livro possui um ritmo que se acelera até as últimas páginas, uma tensão constante sem fechar-se nele mesmo. Como anotou Francisco Carlos Lopes ele termina com “Outro passo para dentro do problema. Outro. Para sempre encalacrado. A gente não sai da vida. Não há redenção”. Quando deixei o Sertão dos Inhamuns e fui morar no Crato, na época a segunda maior cidade do Ceará, meu pai levou-me ao cinema. Tornei-me um viciado, frequentador assíduo das salas de projeção, um deslumbrado como a Cecília de *A rosa púrpura do Cairo*, de Woody Allen. Via filmes todos os dias, os bons e os péssimos. Sabia as cenas decoradas, prestava atenção nos cortes, na música, nos enquadramentos. Lia e via cinema. Era um caso perdido. A professora do grupo escolar chamou meus pais e falou preocupada que eu vivia no “mundo da lua”. Foi a primeira vez que escutei essa expressão. Descobri que todos os filmes e livros por piores que sejam sempre nos ensinam alguma coisa. Quando vi *O evangelho segundo São Mateus*, sem nunca ter escutado falar em Pasolini, entrei em estado de graça, tocado pela ousadia da direção. Em contrapartida, numa noite de segunda-feira, desligaram as máquinas e suspenderam a projeção de *A chinesa*, de Godard, porque toda a plateia preferiu ficar no saguão do Cine Cassino, olhando a chuva torrencial, de pé, presa e sem poder ir para casa, mas também sem querer assistir àquela chatice de filme. Impregnei-me de cinema e literatura como se fosse uma mesma linguagem. Na verdade, misturo teatro, conto, novela, cinema, ao meu bel-prazer. Circulo com naturalidade de um lado para outro. Transformo minhas peças em contos, os contos em peças, sem pudor. **VIDA LITERÁRIA** Vocês lembram o filme *Fanny e Alexander*, de Ingmar Bergman? Tem uma bela metáfora sobre a arte, ou sobre a alma, se vocês preferirem. Na casa de um judeu antiquário, que salva o menino Alexander do padrasto tirano, a alma do artista, vou chamá-la assim, é representada por Ismael, o proscrito, que vive preso num quarto, guardado por cadeados e correntes. Este personagem masculino é interpretado por uma atriz, acentuando a ambiguidade da criação. Acho que na minha vida e na de muitos artistas – estou lembrando o italiano Lampedusa – aconteceu algo semelhante. Carregamos esse artista encarcerado dentro de nós, visitamo-lo vez por outra às escondidas, temerosos de que ele possa soltar-se. Tememos os estragos que acarretaria para nossas vidas a sua absoluta liberdade. Sim, sempre me ocupei da literatura como o filósofo Espinosa se ocupava das lentes em que dava polimento, para

descansar a mente dos pensamentos filosóficos. Todos os dias eu trabalhava os meus textos, esses que estão sendo publicados agora, reescrevendo-os à exaustão. Sempre tirando, limpando, obsessivamente. Sofria de certo pavor à publicação, embora a desejasse. É contraditório, mas foi sempre assim mesmo. Além disso, achava que existiam livros demais, que os meus só iriam aumentar a confusão da Babel. E como se não bastasse, eu vivi ocupado com a medicina. Uma pessoa que respira literatura desde pequena, mas que escolheu a profissão de médico, com uma jornada semanal de trabalho de no mínimo 60 horas, sobra pouco tempo para escrever. Por mais que ela ame os livros. Hoje, tento resguardar o meu tempo com zelo. Certa vez, anotei o seguinte numa crônica: “Todos os ofícios são sagrados e o escritor não é mais que o padeiro, nem o carpinteiro, nem o pintor de paredes. Não prefiro o músico ao pescador, como Deus preferiu o Abel que pastorava ovelhas ao Caim que cultivava a terra. ‘O sábio tudo realiza, e nada considera seu. Tudo faz, e não se apeg a sua obra’, escreveu Lao Tsé. Talvez por ele acreditar nisso tenha deixado os originais do *Tao te king* nas mãos de um desconhecido guarda de fronteira, sem importar-se com o destino que teria. O guarda não era um editor renomado, não programou lançamento, não traçou planos de mídia, não inscreveu o livro em concursos literários. E mesmo assim ele fez carreira, vive há 2.600 anos. Mas isso é uma lenda, e não existem guardas de fronteira como os antigos. O poeta busca a medida entre o ato solitário da criação, e o mundo que o ignora ou traga”.

Esboços

Trecho não publicado



“Fingi que dormia. Nunca soube se Ismael e o avô Raimundo Caetano estavam apenas de olhos fechados. Imagino que não desejavam expor os nervos de nossa tensão e que era mais fácil parecer um morto. Davi, sorrateiro, caminhando pelo quarto do enfermo onde nunca botava os pés, não trazia bom augúrio. Mas ele veio, estava ali nas suas roupas folgadas, que não balançavam ao vento porque não soprava nenhum no meio-dia quente. Parou junto de cada um de nós e olhou-nos como retratos numa parede escura: o avô respirando com dificuldade, o cheiro de carniça que ninguém conseguia aplacar; Ismael deitado na rede, a cabeça pendente para trás, os cabelos abundantes e escuros, a pele gordurosa, a boca levemente aberta; eu tentando acomodar-me na cadeira, as pernas estiradas para bem longe. O que o primo arredio deseja? Rir de nosso abandono? Depois do que ele me escreveu não espero nada melhor. Mas ele sempre nos surpreende, adeja como um pássaro leve, de um lado para outro, sem encontrar pouso. Senta aos pés do avô, de costas para mim, e somente quando posso abrir os olhos sem que ele perceba, avisto-o colocando a flauta entre os lábios, preparando-se para tocar. E toca uma música celestial, uma composição cujo compositor não identifico, o que tira metade do meu enlevo. E ao escutá-lo tocando volto a achar que o primo é melhor do que todos nós, apenas porque é um artista, um músico manipulando as notas, me fazendo esquecer suas confissões sórdidas”.

ARTIGO

BÁRBARA WAGNER



As palavras escondidas, agora reveladas

Crítico comenta seu trabalho de leitor da obra ainda em processo

Artur Almeida de Ataíde

Parte da história de como um livro se compõe será sempre privada: nunca nos é dado saber de modo definitivo que desordem dos desejos, que desarmonia do mundo, leva alguém a dedicar tantas horas, tantas insônias, a coisas que não existem. Se mesmo um autor pode se ver desamparado de razões ao tentar explicar, por exemplo, a origem de uma imagem, o porquê do nome de certa personagem, ou a cadência especialmente aliciante de uma frase, que saberão os leitores? A história de cada livro parece ter início num claro-escuro tenso, em que o arbítrio vigilante de um artista luta para iluminar o que acasos e inconsciências teimosamente ensombram. Nem tudo, no entanto, em relação a tais assuntos, precisa ser assim tão incerto e sutil: uma vez terminada sua pré-história íntima, os livros então começam seus primeiros ensaios de história pública, abrindo-se a uma primeira meia dúzia de olhares. Esse, de narração mais fácil, foi o passo em que tive contato com *Galiléia*, de Ronaldo Correia de Brito.

Ao contrário do próprio autor, que vinha convivendo com o texto há oito anos, o romance não poderia me evocar nada: sequer uma capa ou lombada de livro desconhecido, ou a referência vaga a algum prêmio, como hoje pode fazer aos que ainda não o leram. Também não conhecia os livros anteriores do autor, a não ser seus títulos, pronunciados por amigos que, pouco antes, também puderam ler o *Galiléia* ainda inédito. O que havia àquela altura era uma resma impressa, encadernada por uma espiral de plástico, e que podia ser um relatório ou uma monografia, mas era um romance.

Eram as palavras, pois, tudo a que nos deveríamos ater no momento, e foram elas o assunto de uma série de conversas que começou em novembro de 2006, com a distribuição, por Ronaldo, de alguns originais encadernados. Além de Everardo Norões, poeta, amigo e conterrâneo seu, organizador da recente edição da poesia completa de Joaquim Cardozo, e do romancista Rodrigo Lacerda, também receberam cópias de *Galiléia* a essa altura Cristhiano Aguiar, crítico e escritor; Eduardo

Cesar Maia, jornalista e editor da revista **Continente**; e Fábio Andrade, professor, crítico e poeta, e que, com os dois últimos e comigo, compõe o corpo editorial da revista *Crispim*. Entre janeiro e fevereiro de 2007, os três se encontraram com Ronaldo para lhe devolver os originais anotados e conversar longamente sobre o que leram. Provavelmente por andar às voltas com algum trabalho da universidade, não pude aceitar nenhuma das cópias, nem pude assumir, nesse primeiro encontro, um lugar à mesa, quando os quatro tentaram se haver com o *Galiléia* e com sushis ao mesmo tempo.

Pouco depois, tendo também Rodrigo Lacerda devolvido o original com anotações, Ronaldo passou o mês de abril em viagem. Na volta, trabalhou ainda por três meses no romance, até que, em agosto de 2007, me contatou e me entregou uma cópia, sob a orientação, sempre difícil de seguir, de ler e opinar sobre tudo. Tratado, então, como editor, foi como editor que me detive sobre o texto. Ao fim do mesmo agosto, fui convidado a ir à sua casa.

A data eu não lembro, mas lembro que cheguei por volta das cinco da tarde, levando à mão a resma impressa. Ronaldo não estava: algum imprevisto lhe tinha prolongado o dia a dia de médico. Aguardei num terraço. Conversei um pouco com Tomás, um de seus filhos, até que, alguns minutos depois, chegando o autor, fomos sentar em torno a uma pequena mesa, mais ao canto do mesmo terraço. Dessa mesa, do tampo rendado de ferro, guardo uma lembrança detalhada; não por esforço consciente, mas como resultado automático da soma de horas que em seguida passaria nela: foi ali que discutimos, uma a uma, página após página, cada anotação. Nesse dia, terminei jantando à mesa com toda a família, e me despedi depois das dez.

LEITURA E OBSERVAÇÕES

Os limites da conversa seriam difíceis de se determinar. O caso é que, quando lemos um romance, não satisfazemos apenas o nosso gosto pela frase, pelo seu impecável arredondamento prosódico, ou pela força isolada de uma metáfora. Muita coisa pode caber num romance. A força dramática e a naturalidade de um diálogo, a variabilidade dos ritmos narrativos, a precisão na descrição psicológica, a plasticidade na descrição sensorial, o uso sutil dos sentidos que um gesto pode esconder, a captação das verdades que atravessam a cultura no momento atual, entre outros, são exemplos de qualidades que apelam tanto para a nossa sensibilidade mais propriamente textual, verbal, literária, quanto para a nossa capacidade de observar concretamente o mundo e o outro, e de auscultar sensivelmente a cultura à nossa volta. É assim que, numa precária sequência de palavras, com alguma arte, podem se cruzar os mais variados níveis da experiência.

Com *Galiléia*, em que achados linguísticos se alternam com achados humanos, não terá sido diferente: nossas anotações diziam respeito tanto ao plano da expressão e da narrativa quanto ao das questões culturais mais amplas, tendo se ocupado ora do emprego de um artigo em certa frase, ora do que possam significar hoje, por exemplo, as noções de “cultura”, “moral” ou “sertão”, ou da relação que possa haver entre os atos de João Domísio, Ismael ou Adonias com a *hybris* da tragédia grega.

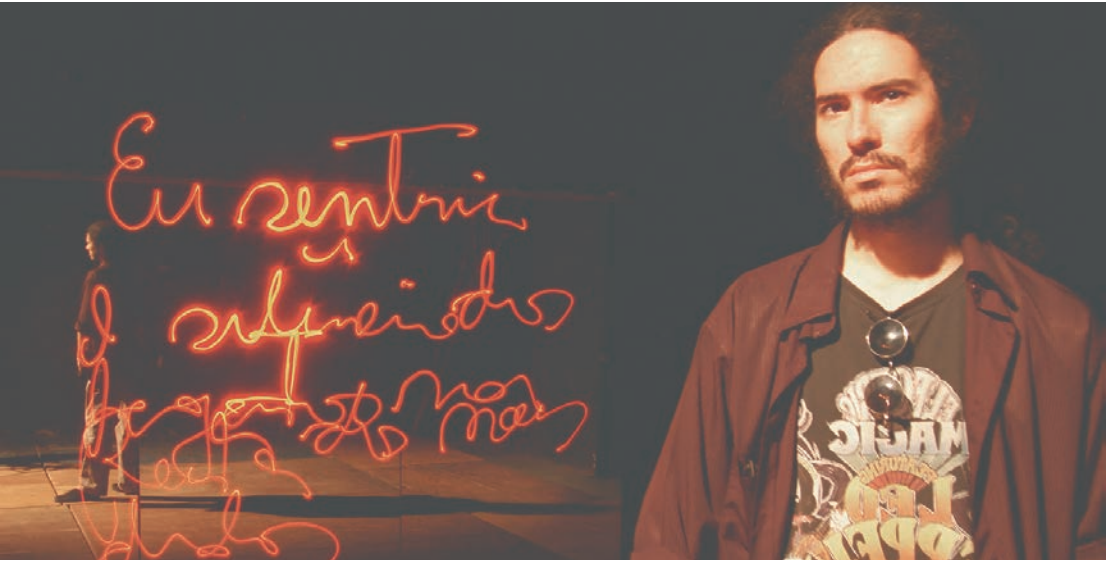
A minha cópia, ao fim da conversa, ficou com o autor. Teria ele, assim, o tempo que quisesse, e o que o seu cansaço permitisse, para considerar detidamente cada observação e decidir, finalmente, por acatá-la ou não. Ronaldo me agradeceu o trabalho, e eu lhe agradei a humildade de ter dado ouvidos, com interesse, a alguém que nunca escreveu um romance. Reiterei minha confiança no livro e nos despedimos.

Em maio de 2008, Ronaldo enviou *Galiléia* à Alfaguara. Para sua satisfação, em menos de 24 horas a editora o contratou. Mais tarde, no mês de novembro, aconteceria o lançamento do livro, do qual participei, ao lado de Cristhiano Aguiar, Lourival Holanda e do próprio autor. Em dezembro, foi publicada na revista **Continente** uma resenha minha sobre o livro (disponível em www.revistacrispim.com).

Ao reler *Galiléia*, lembro de ter me deparado, diversas vezes, com a impressão já esperada de que certa frase ou passagem tivesse sido objeto de alguma de minhas sugestões: ora acreditei acatada, ora rejeitada, ora me senti completamente incapaz de dizer ao certo. Pouco importa: importa é que as escolhas de Ronaldo já tenham rendido ao *Galiléia* um primeiro grande prêmio. Acompanhamos, enquanto isso, com satisfação e expectativa, o curso imprevisível que vai traçando o romance, agora já livro.

COLETIVO

FELIPE FERREIRA



Não existe hora certa para urrar

Grupo literário recifense brinca com estereótipos

Mariza Pontes

O que é um urro masculino? Qual o melhor exemplo de um urro masculino? Em que ocasião se deve dar um urro masculino? Para responder essas questões conceituais, fundamentais para se entender o universo do grupo Urros Masculinos, seus integrantes, Artur Rogério, Bruno Piffardini e Wellington de Melo, gastaram preciosos minutos elaborando respostas mirabolantes – e nem tão esclarecedoras assim – para atender a proposta do **Pernambuco**.

O grupo foi formado em agosto de 2008, como uma oposição de gênero ao grupo de escritoras Vozes Femininas. Sofreu algumas baixas na sua composição, houve substituições, mas o que importa é que os três escritores da formação atual vêm chacoalhando a cena literária recifense, com recitais, blogs, eventos como as *flash mobs* literárias (reuniões relâmpagos, combinadas pela internet, que se realizam em local público, para leitura de poemas), e o Sarapatel Literário, que em junho promoveu o primeiro leilão de manuscritos e originais já realizado por estas bandas. Para completar, estão mergulhados na preparação da primeira Festa Literária do Recife–FreePorto (6 a 8 de novembro).

A principal característica do grupo é satirizar os estereótipos da macheza, adotando o rosa como cor de macho e brincando, no palco, com a possibilidade (ou não) da literatura dividir-se entre masculina e feminina. Mas, fundamentalmente, o Urros dirige a atenção para a nova literatura feita por jovens escritores de Pernambuco.

Bruno adota considerações filosófico-psicológico-sociológico-literárias, ao analisar a primeira questão: “Já tentaram definir o conceito de urro masculino sob óticas filosóficas e sociológicas. É a velha questão sobre a presença do masculino na literatura face ao há muito instalado equívoco entre o ‘masculino’ e o ‘machismo’”. Será que a figura do homem já não está solapada diante do conceito de ‘feminino’? Pode-se falar de uma literatura masculina propriamente dita, sem que essa indagação caia no vazio preconceituoso do machismo patriarcalista? Estarei sendo eu porco chauvinista ou uma bicha louquíssima ao falar do homem como tal?” Mas logo ele sai das considerações filosóficas e tenta ser mais realista: “A verdade é que todo esse debate serve só para dar algum sentido ao Urros e, sinceramente, isso de urro masculino não faz sentido nenhum. É só um nome cafonérrimo! São Jece Valadão, padroeiro dos cafajestes, na certa nos considera um bando de maricas”.

Wellington de Melo não é o cronista José Teles, mas responde curto e grosso: “É uma coisa meio gay. Todo macho que quer ser muito macho, no fundo, bem fundo, é meio gay. Essa é uma definição de minha mulher e cada vez mais acredito nela”. Artur Rogério sai pela tangente: “É uma espécie de grito alto, brado, gemido agudo gerado por um homem ou por uma mulher quando o grito tem características masculinas”.

Para Bruno Piffardini, o melhor exemplo de um urro masculino está nas próprias reuniões do grupo, onde tudo pode acontecer. “Só vindo pra crer. O trio se estapeia, cai no bate-boca e depois sai abraçadinho, dizendo ‘eu amo vocês, caras’”. Somos machos sem pé-na-porta-soco-na-cara, sem coxinha com conhaque em copo de geleia de mocotó”... Wellington tem um exemplo tirado de episódio senatorial recente: “Fernando Collor mandando Pedro Simon engolir, digerir e fazer o que quiser. É uma coisa altamente macho e, por isso mesmo, totalmente gay”. Já Artur Rogério acha que Jomard Muniz de Britto é o exemplo mais perfeito de um bom urro masculino.

Fundamentalmente, o Urros dirige a atenção para a nova literatura feita por jovens escritores de Pernambuco

E qual ocasião exige um urro masculino? Piffardini dá a receita: “Dar um urro, não importa se masculino ou feminino ou todas as nuances entre um e outro, significa fazer valer o papel e a caneta que você gasta todo dia, abrir espaço na selva editorial-acadêmica-fogueira-das- vaidades com toda a potência dos pulmões, é ser vulcão numa terra de poças d’água, é tocar fogo no circo com todos os palhaços dentro. De certa forma, olhando assim, é um grande prazer poder dizer que não existem só os três urros do Urros. Recife urra. Mas uma ocasião boa, terapêutica até, é a seguinte: urrar, masculinamente, todos os dias ao acordar. É melhor que ioga”.

Wellington resolve ser politicamente ultra, mega, hiper correto: “Nunca. Não acredito em nada disso de Urros Masculinos. Na verdade, acho que o Urros é uma grande farsa. Aliás, fazendo parte de um grupo farsante, ignore todas as respostas anteriores”. Artur Rogério, totalmente ponderado, mas deixando escapar nas entrelinhas que às vezes também perde as estribeiras, diz que somente “quando apenas o diálogo não resolve mais nada”, aí sim, vale a pena dar um bom urro.

Convenhamos, não é muito esclarecedor. Aconselho vocês a irem assistir às performances do grupo para entendê-los... ou não. Imperdível será ver os rapazes durante a FreePorto, assobiando e chupando cana ao mesmo tempo: produzindo o evento, atuando como grupo performático e individualmente. A concorrência com a Fliporto não assusta o grupo urrante. Afinal, medo não é coisa de macho.

De cima para baixo: Artur Rogério, Bruno Piffardini e Wellington de Melo

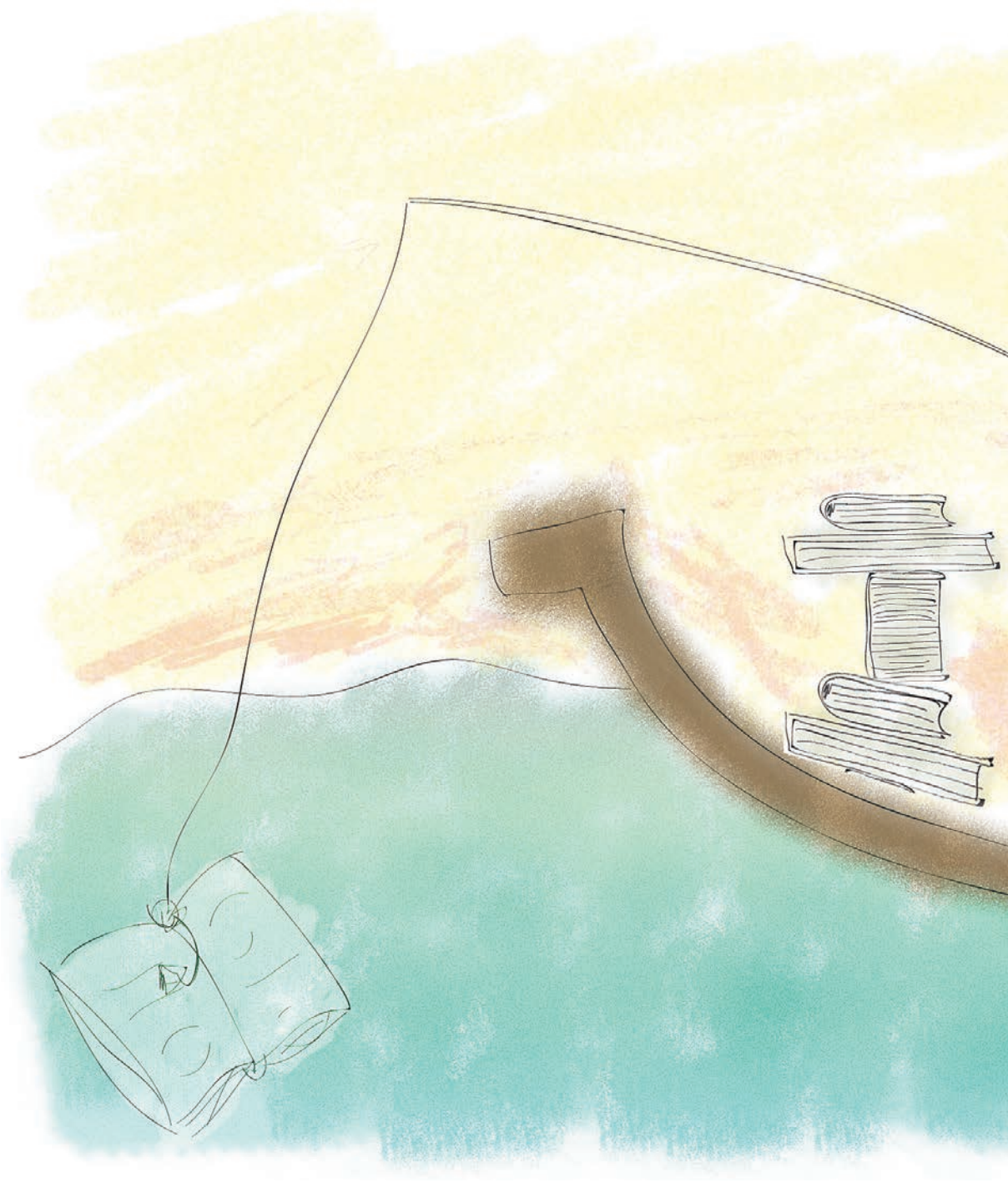
ARTIGO

Como fisgar o estranho que passa

As artimanhas dos escritores para seduzir o leitor nas primeiras linhas

Luiz Carlos Pinto

FLÁVIO PESSOA



Deus não teria feito melhor: aqueles que escreveram a *Bíblia* conseguiram assegurar para as sagradas escrituras cadeira cativa em qualquer lista “dos melhores começos de livros” que se proponha fazer em qualquer época. Isso porque seja você católico, judeu, herege, ateu ou feliz em não querer saber de Deus, tanto o *Antigo Testamento* quanto o mais *Novo* estabelecem um acordo com o leitor. Aquilo que Will Eisner descreveria como um contrato – nesse caso, um contrato sincero, em que a divindade parece empenhada em cumprir sua parte.

No caso da *Bíblia*, não há como não se interessar em assinar o contrato e ver até onde ele vai dar. Ele é um pega-mosca monumental: trata da criação de um mundo numa penosa trabalhadeira de sete dias em que o principal instrumento é a palavra de um deus de onipotência e onisciência. Embora o início da *Bíblia* seja direto, não se trata de um contrato ríspido, como Cristóvão Tezza escreve em *Trapo* (Record, 256 págs.): *Tentei de novo falar com você esta madrugada, mas o quintal estava povoado de lobos ganindo contra minha sombra. As feras da tua família são estúpidas o tempo todo, numa insistência que me impressiona. Vou matar todos aqueles bichos, aquelas cadelas negras, apesar da admiração que nutro pelas bestas puras.*

Mas o que é, em última análise, um começo?, pergunta-se Amós Oz, no delicioso livro que escreveu para analisar dez obras, dez começos (*E a história começa*, Ediouro, 134 págs.). Vale a pena acrescentar: a quem serve um “bom começo de livro”? Certamente que não serve apenas ao escritor, pois os contratos iniciais são às vezes esconde-esconde e às vezes uma espécie de jogo tipo Genius e às vezes mais parecidos com um jogo de xadrez ou pôquer. Ou palavras cruzadas. Ou uma travessura. Ou um convite para um labirinto. Ou um convite para dançar. Ou um galanteio zombeteiro que promete, mas não entrega, ou entrega os itens errados, ou entrega o que jamais prometeu ou entrega apenas uma promessa.

Quando perambulava adolescente pela Biblioteca de Los Angeles, Charles Bukowski procurava grandes começos de livros como quem procura uma senha – era sua forma de encontrar o que não sabia que procurava. Foi assim sem saber, que encontrou John Fante, a quem se renderia e para quem escreveria em 1979 o prefácio de uma reedição de *Pergunte ao pó* (José Olympio, 208 págs). Bukowski: *Eu continuava dando voltas na grande sala, tirando livros das estantes, lendo algumas linhas, algumas páginas, e depois os colocando de volta. Então um dia puxei um livro e o abri, e lá estava. Fiquei parado de pé por um momento, lendo. Como um homem que encontrara ouro no lixo da cidade, levei o livro para uma mesa...*

O que Bukowski descobriu de Fante foi: *Uma noite, eu estava sentado na cama do meu quarto de hotel, em Bunker Hill, bem no meio de Los Angeles. Era uma noite importante na minha vida, porque eu precisava tomar uma decisão quanto ao hotel. Ou eu pagava ou eu saía: era o que dizia o bilhete, o bilhete que a senhoria havia colocado debaixo da minha porta. Um grande problema, que merecia atenção aguda. Eu o resolvi apagando a luz e indo para a cama.*

O próprio Bukowski deu lá sua contribuição: *Das 5 irmãs, Cass era a mais moça e a mais bela. E a mais linda mulher da cidade. Mestiça de índia, de corpo flexível, estranho, sinuoso que nem cobra e feroso como os olhões: um fogaréu vivo ambulante. (Crônica de um amor louco, L&PM, 248 págs.)*

Assim, o começo de “livro-isca” pode servir ao escritor, mas também o leitor quer ser cantado – como queria Bukowski. Até parece que Marguerite Duras quis atualizar essa metáfora quando resolveu começar assim *O amante* (Record/Altaya, 127 págs.): *Certo dia, já na minha velhice, um homem se aproximou de mim no saguão de um lugar público. Apresentou-se e disse: Eu a conheço há muito, muito tempo. Todos dizem que era bela quando jovem, vim dizer-lhe que para mim é mais bela hoje do que em sua juventude, que eu gostava menos de seu rosto de moça do que desse de hoje, devastado.*

Mas será que não faz mais sentido pensar na elaboração do primeiro parágrafo associado ao processo





genético do nascimento do livro? Isso nos coloca no rastro da impossibilidade orgânica do tal parágrafo genial ser outro. A literatura, entretanto, permite que certas organicidades sejam detalhadamente planejadas. Bem o comprova Graciliano Ramos.

Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho. Dirigi-me a alguns amigos, e quase todos consentiram de boa vontade em contribuir para o desenvolvimento das letras nacionais. Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do Cruzeiro. Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria o meu nome na capa. (São Bernardo, Record, 224 págs.).

Mas a tese do parágrafo-isca que explicaria a paralisia momentânea do jovem Bukowski e a genética bem pensada das crias gracilianas não são autoexcludentes. Quem escreve não está nem completamente fingindo uma armadilha, nem de olhos fechados, recebendo uma emanção iluminada da musa – e aquele que lê não tem lá tantas preocupações, a não ser, claro, que seja crítico. É isso que explica um dos mais desprezíveis começos de livros – tanto que é preciso ler todas as descrições de Marco Polo ao imperador tártaro para se convencer de que este é sim um parágrafo inicial inesquecível: *(As cidades invisíveis, Companhia das Letras, 152 págs.):*

Não se sabe se Kublai Khan acredita em tudo o que diz Marco Polo quando este lhe descreve as cidades visitadas em suas missões diplomáticas, mas o imperador dos tártaros certamente continua a ouvir o jovem veneziano com maior curiosidade e atenção do que a qualquer outro de seus enviados ou exploradores.

A ideia de um parágrafo que cole o leitor e que ao mesmo tempo seja portador de uma genética inesquecível pode vir na forma de um convite: *Da porta do La Crônica, Santiago olha a avenida Tacna, sem amor: automóveis, edifícios desiguais e desbotados, esqueletos de anúncios luminosos*

flutuando na neblina, o meio-dia cinzento. Em que momento o Peru se fodera? (Conversa na catedral, Arx, 792 págs.).

Pois é assim que Llosa chama o leitor a percorrer seu livro para descobrir quando se deu a derrocada de seu país. Aliás, todo bom começo de livro tem seu quê de convite, de pergunta a ser decifrada, o que por si seduz os passantes. É assim com os de García Márquez, que já afirmou passar mais tempo elaborando a primeira frase do que o livro inteiro.

O convite à decifração de um caso, de um mistério ou de uma situação constitui ainda outra linhagem de grandes começos: por que o narrador estaria preso? *Daqui de cima, no pavimento superior, pela janela gradeada da Cadeia onde estou preso, vejo os arredores da nossa indomável Vila sertaneja. O sol trema na vista, reluzindo nas pedras mais próximas. Da terra agreste, espinhenta e pedregosa, batida pelo Sol esbraseado, parece desprender-se um sopro ardente, que tanto pode ser o arquejo de gerações e gerações de Cangaceiros, de rudes Beatos e Profetas, assassinados durante anos e anos entre essas pedras selvagens, como pode ser a respiração dessa Fera estranha, a Terra – essa Onça-Parda em cujo dorso habita a Raça piolhosa dos homens.* (Ariano Suassuna, *Romance da pedra do reino*, 756 págs).

Ou, por que o narrador estaria morto? *Morta? Morta, eu? Mas que idéia! Não enquanto ainda me restar uma única palavra a ser dita. Estou na Pousada do Caribe. Completo quase um mês e meio sem ver ninguém. Mentira: uma vez por semana Amkiel vem me trazer mantimentos. Às terças, se não me engano, embora minha noção de tempo não seja lá muito confiável. Aqui todos os dias se parecem.* (Henrique de Hériz, *Mentira*, Relume Dumará, 404 pgs.).

Há ainda os convites que se desdobram em dois: para um interlocutor a quem o escritor se dirige; para ao leitor que ao livro se volta:

Depois de longa e infrutífera espera decidi escrever-lhe, tanto para seu próprio bem quanto para o meu, pois não me agradaria pensar que suportei dois longos anos de cárcere sem receber uma só linha sua, ou mesmo qualquer recado ou notícia, salvo algumas que só me trouxeram sofrimento. (Oscar Wilde, *De profundis*, L&PM Pocket, 193 págs.).

E mais o próprio Cristovão Tezza, citado acima, que finaliza seu primeiro parágrafo com descrito abaixo: *E como, para completar, havia lua cheia – das derramadas – sentei no meio-fio e puxei dois charutos de maconha, com os cães latindo atrás de mim num furor melancólico.* (Cristovão Tezza, *Trapo*, Record, 256 págs.).

Para o escritor Fernando Monteiro, o caráter midiático da sociedade ocidental contemporânea exige ainda mais que o primeiro parágrafo possa prender o leitor. “As pessoas estão acostumadas às imagens e procuram as imagens, a atenção do leitor é muito guiada por imagens. O motor interno da estrutura narrativa precisa ter alguma analogia com o que tem nos filmes. Ninguém pode escrever para o passado, embora haja quem o faça hoje sem nem perceber”, diz.

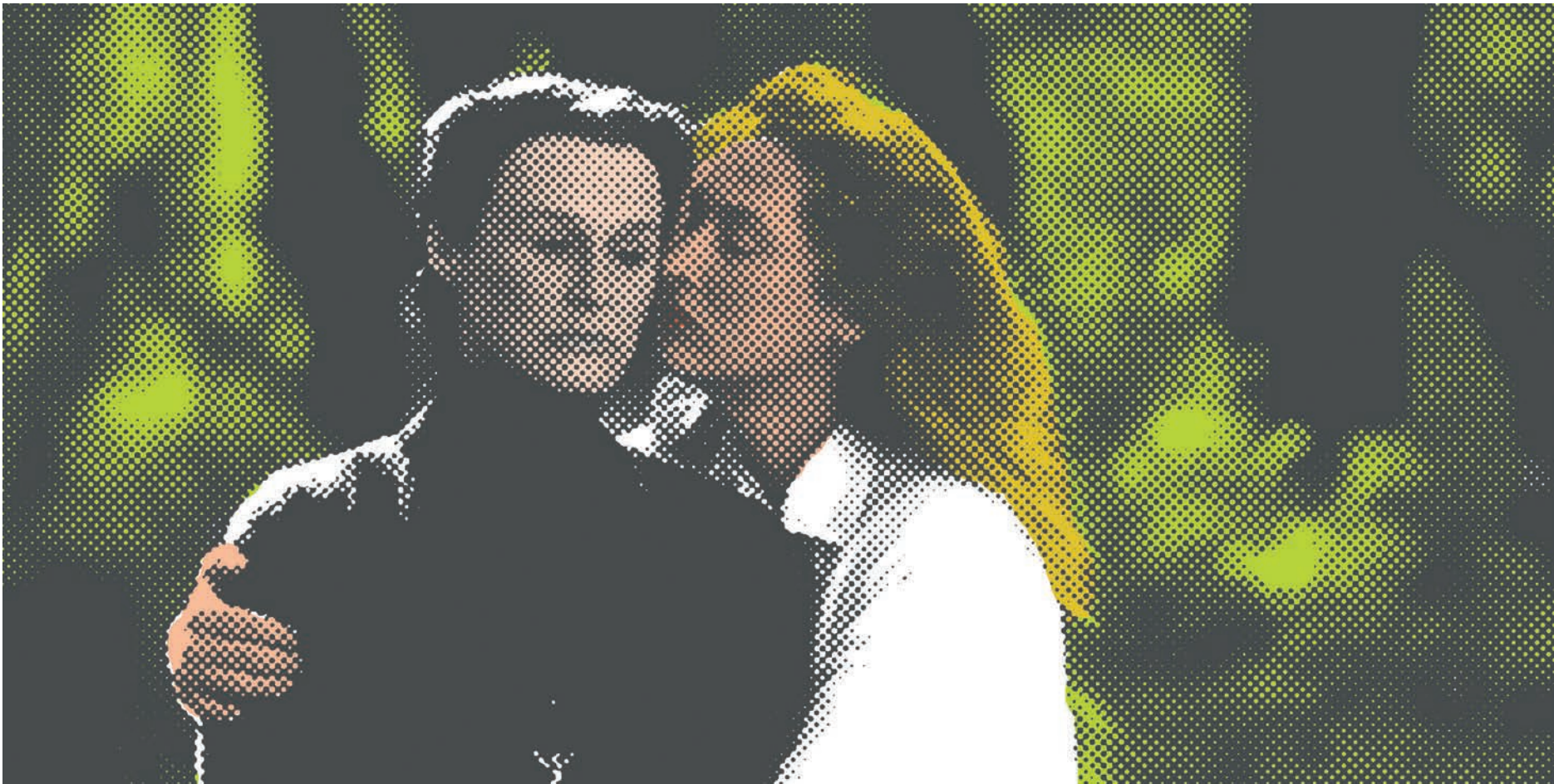
Ainda assim, Monteiro considera que, apesar da forte presença que o cinema teve (e tem) ao longo do século 20, sua presença na literatura não é tão forte quanto poderia ser. “O leitor vai reagir, a questão é o escritor: é ele que está na berlinda, cabe a ele criar uma empatia através de sua escrita”, diz.

Monteiro tem um início preferido: foi escrito por Mickey Spillane, autor de livros de bolso de histórias policiais: *Encostou o fósforo mais ao fio daqueles pensamentos.* “A força dessa frase foi tamanha que não me deixou esquecê-la, embora não lembre a qual dos livros que Spillane escreveu ele pertence”, diz Monteiro.

Para este que vos escreve, entretanto, o “era uma vez”, o mais batido e clássico começo de livro tem sempre grandes chances de se destacar. Porque o “era uma vez” posiciona as coisas como se elas efetivamente tivessem acontecido e, portanto, transporta o leitor para uma realidade fantástica como se ela fosse real. Se começar uma nova história, um novo romance é como começar um relacionamento com alguém completamente estranho; o “era uma vez” é essa declaração infalível, tranquila e infatigável a um estranho que passa.

DESCANSE EM PAZ

FLÁVIO PESSOA



E o vento levou Isabel

A diluição do realismo fantástico na obra de Allende

Raimundo Carrero

Os ventos do realismo mágico – ou fantástico – passaram, as matriarcas deixaram de sentar em fogões quentes, os defuntos não saem mais dos cemitérios. Por isso, ou por muito mais, *A casa dos espíritos*, de Isabel Allende, ficou trancada na cartola do mágico. Agora é doceira, erótica, afrodisíaca, aproveita a fama que lhe deu o sobrenome famoso e a tendência literária que vingou nos meados do século 20. Entre uma coisa ou outra, ela ainda perdeu uma filha – “Paula” –, cuja história transformou em romance. Fama é assim – não se salva nem a família. Vai tudo para o mesmo pacote.

A casa dos espíritos é a história de uma família chilena, enfeitada e vingativa. Cada um na sua. Mas integra o realismo mágico somente porque usa a técnica, mas esquece as vinculações de esquerda, embora trate também de política. Não resta dúvida que a escritora sabe montar uma história e selecionar personagens. Isso é fundamental para quem quer ficar rico com literatura. E, de quebra, uma boa dose de paixão, daquelas de revirar os olhos e cantar baixinho, de preferência com uma garrafa de uísque na mão. Difícil resistir.

Na verdade, o realismo fantástico – ou mágico – cedeu à escritora o novo modo de contar, o que logo se transformou em moda, sobretudo nos Estados Unidos e em Paris – ou seja, não exatamente na Europa, mas em Paris mesmo, onde viviam os escritores políticos, alguns exilados, outros em busca do vil metal. Era o tempo das ditaduras. Portanto, com holofotes e cliques fotográficos. Passou por vítima, já estava bom.

Ao lado disso, havia – ou há? – o amor. Uma boa história de amor sempre rende muito. Sem dúvida. O que ela precisava? Transformar o personagem principal – Esteban Trueba – em senador, casando-se com uma flor de mulher que era Clara, a protagonista feminina. A receita infalível: política, amor e ódio. Sim, porque sem uma boa dose de ódio o amor fica romântico demais, embora existisse o elemento político que já mexia com o leitor – apressado ou não. E os filhos.

Ah, os filhos. Era preciso ter filhos que se formassem em vítimas do casal desalmado. Clara, porém, não era o que se pode chamar de dona de casa exemplar: levitava, tinha premonições. E mais: ajudava os necessitados, abrigava os desconhecidos, e conversava com espíritos. Conversava com espíritos? É verdade. É aí que entra o tal realismo mágico – ou fantástico – porque os europeus só conheciam vampiros – conheciam, não, ainda conhecem, e eles proliferam à loucura. Quem leu o livro e assistiu ao filme, topava a todo instante num defunto aventureiro.

Aí estavam criadas as condições para a sedução do leitor. De um lado o marido conservador, Esteban,

com um passado não muito recomendável; e, de outro, uma personagem, Clara, que se adiantava no tempo, salvando os necessitados das dores do mundo. A questão era provocar a boa história. E ela estava ali: com uma luta entre os dois. Aí *A casa dos espíritos* se aproxima da influência de Tolstoi, sobretudo em

O realismo fantástico cedeu à autora um novo modo de contar, que logo se transformou em moda

Guerra e paz, com Pedro, o personagem emblemático. Os dois romances têm personagens chamados Pedro e ambos muito influentes. *Guerra e paz*, aliás, tem se transformado num modelo de romance para todos os escritores. Sem dúvida, todos. Sem esquecer o clássico mal escrito norte-americano, o bobo *...E o vento levou*, de Margaret Michtel. Ela mesma, aquela que provocou tantos leitores, tantas lágrimas, e tantas noites acordadas. Com certeza: *...E o vento levou* quis ser o *Guerra e paz* dos Estados Unidos; assim como *A casa dos espíritos* desejou ser o mesmo romance da América Latina. No entanto, o *Guerra e paz* latino-americano já estava escrito, e ele se chama *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, com uma técnica absolutamente inovadora.

É claro que com toda essa receita, a história teria que chegar também ao cinema de Hollywood. Outro sucesso que o vento levou, apesar de Jeremy Irons no papel principal.

ONDE ENCONTRAR?



O melodramático enredo de Isabel Allende, apesar de levado pelo vento, ainda conta com um bom número de leitores secretos: é vendido pela Bertrand Brasil, por R\$ 59.

INÉDITOS

Hideraldo Montenegro

SOBRE O AUTOR

Hideraldo Montenegro
nasceu em Moreno-PE
e publicou os livros de
crônicas *A eternidade do
ser* e *A ponte cósmica*.

Indecifrável

O poema que não escrevi
é feito de carne
tem nome largo
e palavras de forma

O poema que não escrevi
dorme comigo todos os dias
revira meus sonhos
torna-se insônia

O poema que não escrevi
come, bebe, faz sexo
e, às vezes, sai pelo nariz

O poema que não escrevi
vive na lama, no lixo
no luxo, na cama

O que poema que não escrevi
é macho, puta, bicha louca
– desenho que não sai da boca

O poema que não escrevi
é leve, é pluma
pesado tiro
é chumbo, é morte
é casulo, é seda
é sorte que não chega

O poema que não escrevi
inscreve-se em mim
como cicatriz
como uma dor, um parto
um sapato apertado

O poema que não escrevi
jamais escreverei

INÉDITOS

Valéria Santos do Rêgo

Nem tudo no amor é prosa

Sim, me apaixonei por um pintor. Não era dos que seguiam os riscos de Van Gogh. Meu nego pintava paredes, mas era tão fogoso, e eu já tinha sessenta. Nessa idade a gente ajoelha e agradece quando um homem nota que por baixo das rugas ainda pulsa uma mulher.

Em dois meses já morava comigo. Limpava o nariz com o dedo, comia de boca aberta e nunca lera Drummond. Mas quando a noite trazia aquele moreno pintado de branco nas tintas, eu guardava na estante os poemas e fazia versos gemidos.

Minha filha reprovava o namoro. Já era casada, um português de Évora, lindo! Eu também já fora bonita, e meu pintor enxergava isso, não custava agradecer-lhe os carinhos pagando suas dívidas. Ele chegava espirrando suor, e eu na cozinha fedendo a alho. Era uma mão lavando a outra.

Entrei numa academia de ginástica, na intenção de levantar as carnes. Juntei uma grana, a onda era botox. Fiz, ele vibrou. Também pedia uma coisa ou outra, que eu pagasse um curso de eletrônica, quero vencer na vida, te trazer mimos também.

Viajamos pra Porto de Galinhas, andamos de bonde no Rio, esquiar no Chile não foi boa ideia, muito menos o vinho, prefiro cachaça, minha preta, e seguíamos vivendo.

No meu aniversário, acordei disposta a caminhar. Deixei meu homem dormindo, os braços agarrados ao travesseiro, a pele de um moreno barro, os pêlos soltos no rosto. Um quitute!

Voltei uma hora depois, com vontade de prazer. O corpo salgado do mar e do suor, mas meu pintor não estava na cama. O bilhete no travesseiro enrugou minha testa, amor, fui nadar um pouco. Era mentira, não podia ser. Eu viera agora das bandas do mar, a resaca de agosto não pouparia nem os olhos de Capitu. O ciúme foi gerando perguntas, será a vizinha do terceiro andar? É bem-feita sem dúvida, homens gostam de rabo grande, o meu é murcho, mas aquela moça cheira cocaína. Talvez a Priscila da cobertura, aquela

sim desperta ciúme, dezoito anos, viçosa, reúne uma turma bacana todo sábado, mas que nada, ela não olharia pra um pintor, o que meu nego poderia dizer que merecesse mais que um bom dia? Vou verificar, o pincel dele não escreve, mas nem tudo no amor é prosa. Senti já uma lágrima querendo descer, o telefone tocou, precisei atender com a voz embargada na garganta. Era minha filha, minha filhinha e o marido, juntos desejando feliz aniversário, mamãe, re-servamos uma mesa no Restaurante Lusitano. Eu não teria fome, o vinho ia azedar no estômago, ai, minha vontade é pegar uma faca e cortar em pedaços a alma daquele pintor safado. Dessa vez chorei. Uma lágrima não pode cutucar a dor e dormir presa, eu precisava desaguar. Uma amiga avisara, ele vai comer todo seu dinheiro e eu fazia minhas graças, pelo menos me come, e você, bruxa velha, só conhece mesmo o pau da vassoura.

Mas dentro de mim eu sabia, a juventude dele não traria a minha, isso é conversa de velha assanhada. Ai, Cristo, a punição da vida não é a ruga no rosto, é o desejo do corpo que não envelhece com a ruga. E eu sinto, eu sinto tudo como se ainda fosse menina. Ai, aquele homem me queima as entranhas, e essas lágrimas, se ao menos baixassem meu fogo.

Já ia gritar quando senti uma mão pousando no meu ombro, era ele, feliz aniversário, querida. Entregou-me uma rosa vermelha junto com o que parecia ser... nossa, amor, que lindo, obrigada. Era um colar, nada muito caro, mas aquele presente teve o efeito de uma esmeralda. Está chorando, minha preta? Sim, mas já era de uma felicidade só possível depois de um grande susto. Aniversários me emocionam, amor. Pegou o meu queixo, suspendeu meu rosto ainda úmido, aproximamos as testas, a barba fez cócegas mas não ri, e ele disse te amo. Se era verdade não sei, nem quis saber. Não era frase de remoeir ideias, o coração acolheu de bom grado e decidi que precisava mesmo era de um banho.

Quer esfregar minhas costas, meu nego? Traga também o pincel.

SOBRE A AUTORA

Valéria Santos do Rêgo mora no Recife desde os 13 anos. É professora de língua portuguesa e está trabalhando numa novela.

A CEPE – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
- Contribuição relevante para Pernambuco;

• Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português; que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.
2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
- De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).

• De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).
3. O Conselho Editorial não analisa:
- Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.

• Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.
4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
- Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;

• Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.
5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).
6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.
7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.
8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.
9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR – Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.
10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.
11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Rua Coelho Leite, 530 – CEP: 50100-140
Santo Amaro – Recife – PE.
Informações adicionais pelo telefone:
(81) 3183-2708



História, ciência e atualidades em bons livros

 DICIONÁRIO COROGRÁFICO, HISTÓRICO E ESTATÍSTICO DE PERNAMBUCO <i>Sebastião de Vasconcellos Galvão</i> Publicados em 1908, 1910, 1922 e 1927, os volumes do <i>Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco</i>, de Sebastião de Vasconcellos Galvão, ganharam reedição sob a coordenação de Leonardo Dantas. RS 150,00	 ADMINISTRAÇÃO DA CONQUISTA <i>José Antônio Gonsalves de Mello</i> Neste trabalho acerca do Brasil holandês, José Antônio Gonsalves de Mello supera seu poder de síntese e de historiógrafo, fazendo um esboço da organização das terras conquistadas pela Companhia das Índias Ocidentais. RS 25,00	 A ECONOMIA AÇUCAREIRA <i>José Antônio Gonsalves de Mello</i> O livro aborda a produção açucareira de Pernambuco – base do sistema econômico no Brasil holandês –, cujos 149 engenhos vieram a atingir, em 1641, a produção de 447.562 arrobas, e discute o engenho como comunidade autônoma. RS 25,00
 HISTÓRIA DA GUERRA DE PERNAMBUCO <i>Diogo Lopes Santiago</i> É um testemunho pessoal de Diogo Lopes Santiago, que residia em Pernambuco à época da invasão holandesa e ao início da Insurreição Pernambucana, em crônicas e diários, resultando numa narrativa minuciosa. RS 40,00	 DIÁRIO DE UM SOLDADO <i>Ambrósio Richshoffer</i> OLINDA CONQUISTADA <i>Pe. João Baers</i> Coletânea sobre o período do Brasil holandês, apresenta as obras de Ambrósio Richshoffer e do Pe. João Baers. Duas visões de um mesmo momento histórico, descrevendo o dia a dia do domínio holandês no Brasil. RS 30,00	 O VALEROSO LUCIDENO <i>Frei Manoel Calado</i> Os dois volumes englobam uma extensa bibliografia sobre o Brasil holandês, e contém o testemunho do frei Manoel Calado do Salvador, um contemporâneo e participante da ocupação holandesa no Nordeste. RS 25,00 (unid.)
 O CASO EU CONTO COMO O CASO FOI <i>Paulo Cavalcanti</i> Composta por quatro volumes, a obra, que tem como subtítulo geral <i>Memórias Políticas</i>, narra as experiências de Paulo Cavalcanti dentro do contexto sociopolítico que vai da Coluna Prestes ao fim da ditadura. Caixa com 4 livros – RS 120,00	 DOM HELDER – CIRCULARES CONCILIARES E CIRCULARES INTERCONCILIARES <i>Luís Carlos Luz Marques e Zildo Rocha (Org.)</i> Em cerca de 600 cartas, Dom Helder Camara expõe suas ideias e relata sua atuação nos bastidores do Concílio Vaticano II, que levou a Igreja latino-americana a assumir a opção pelos pobres e a tomar partido pela justiça social. Caixa com 6 livros – RS 160,00	 MARCO ZERO <i>Alberto da Cunha Melo</i> O jornalista e poeta pernambucano Alberto da Cunha Melo assinou a coluna Marco Zero, na revista <i>Contínente</i>, sobre questões culturais. Este livro é uma coletânea de seus melhores momentos. RS 24,00

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS



ALIMENTAÇÃO E SOCIEDADE
Nelson Chaves – Maria Christina de Almeida Costa e Eunice Salzano Lago (Org.)

Incansável no combate à fome e na defesa da criança desassistida, Nelson Chaves contribuiu para a causa com importantes pesquisas no campo da Nutrição e através dos artigos que quase semanalmente publicava na imprensa pernambucana, reunidos neste livro.



EÇA DE QUEIROZ – AGITADOR NO BRASIL
Paulo Cavalcanti (edição em inglês e português)

Eça de Queiroz, agitador no Brasil, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.



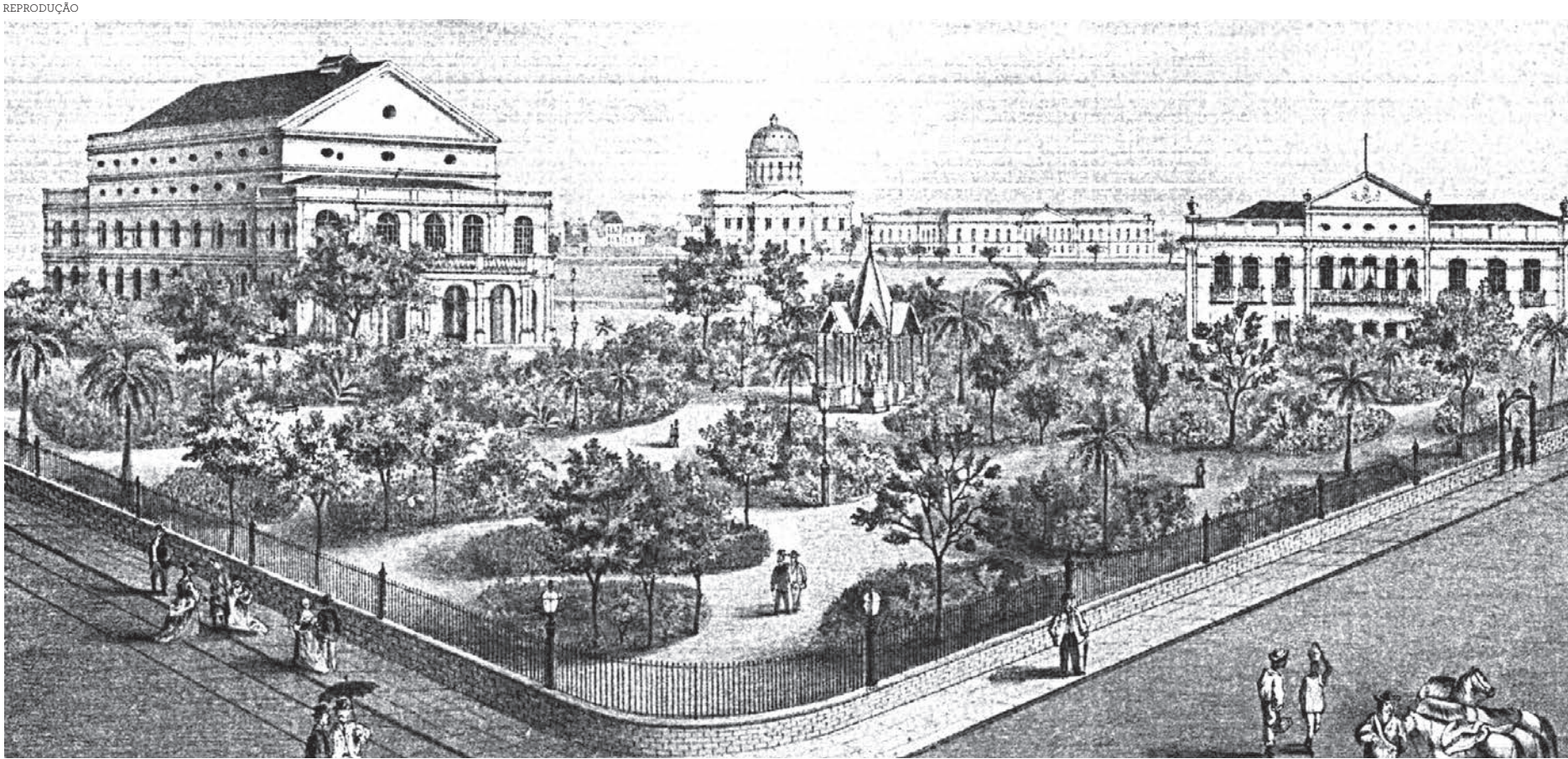
O GIRASSOL
Garibaldi Otávio

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem “a imagística sem parentesco, o descritivo mas penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas”.



FAÇA SEU PEDIDO 0800 081 1201 livros@cepe.com.br

RESENHAS



Crueldades, *Farpas* e censura no século 19

Livro do jornalista e político Paulo Cavalcanti retrata o polêmico Eça de Queiroz

Danielle Romani

A aceitação do público brasileiro à obra do português José Maria Eça de Queiroz (1845–1900) fez dele um dos autores estrangeiros mais populares e lidos no Brasil do século 19. Libertário, mordaz e antimonarquista, seus escritos eram aplaudidos pelos que contestavam as teorias conservadoras, por todos que apoiavam a República e repudiavam a permanência das famílias-reais no poder.

Mas há um lado de Eça pouco conhecido dos contemporâneos. É essa faceta, a de redator do jornal *As Farpas*, que ridicularizava seus alvos com extrema crueldade, retratada pelo jornalista, advogado e político Paulo Cavalcanti no livro *Eça de Queiroz, agitador no Brasil*, a ser lançado pela Cepe Editora.

O livro foca a polêmica deflagrada por um artigo de Eça de Queiroz e Ramalho Urtigão no ano de 1872, que resultou numa violenta revolta contra os portugueses por

parte da população de Goiana, litoral norte de Pernambuco, na qual foi necessária a intervenção governamental para garantir a ordem e a segurança dos lusos. Baseado em extensa pesquisa, Cavalcanti resgata os fatos que desencadearam uma rebelião social e nacionalista, motivada, unicamente, pela verve ferina de Eça e seu colega.

Tudo começou em junho de 1871, quando em viagem à Europa, o Imperador Dom Pedro II foi atacado, impiedosamente, por Eça e Ramalho. Cavalcanti mostra como o imperador foi tratado. “*As Farpas* transformaram a vitoriosa excursão do imperador do Brasil à Europa num grotesco espetáculo de circo, caricaturando tudo aquilo que Dom Pedro fizera ou dissera”. As edições de *As Farpas* rapidamente foram copiadas e publicadas por diversas editoras e jornais

pernambucanos, que como ressalta Cavalcanti, eram o principal elo intelectual entre Portugal e o Brasil do século 19. Só que as reproduções foram feitas sem autorização dos autores, que indignados, passaram a desferir textos difamando e ridicularizando, desta vez, os próprios brasileiros. A contraofensiva recifense voltou com força total em direção aos portugueses.

Foram meses de insultos dos dois lados. Até que em meados de 1872 a polêmica chegou a Goiana, à época segunda maior economia de Pernambuco, e forte foco de rebelião. Empresas e residências dos portugueses foram depredadas, pessoas foram agredidas, obrigando o Governo a enviar tropas federais. A polêmica, que envolveu igreja, autoridades e intelectuais, acabou em 1875, quando os processos contra os revoltosos goianenses foram roubados e arquivados. Décadas

depois, ao publicar a edição inteira dos exemplares de *As Farpas*, Eça omitiria essas crônicas, certamente para não aticar novas represálias por parte do seu público brasileiro. Um registro curioso, que revela a alma revolucionária e a disposição dos pernambucanos em lutar pela pátria e pela liberdade.



HISTÓRIA

Eça de Queiroz - agitador no Brasil
Autor: Paulo Cavalcanti
Editora: Cepe
Páginas: 336
Lançamento: 21 de Outubro

Gravura do Campo das Princesas, no século 19, hoje Praça da República

FESTA

Agito, provocações e lançamentos no cenário do evento literário Freeporto

Festa, mesmo literária, deve ter agito! Os produtores da FreePorto querem celebrar a literatura, ressaltando a ligação com as outras expressões artísticas, sem perder de vista o espírito festivo e, de quebra, lançando algumas provocações. Um desses momentos será o lançamento de *Tudo aqui fora escrito, tudo fora escrito ali: Antologia pernambucana de autores*. A obra reúne os poetas Adélia Coelho,

Amanda Moraes, Artur Rogério, Helder Herik e Wellington de Melo, e os contistas Artur Lins, Bruno Piffardini, Cristhiano Aguiar, Fernando Farias e Jean Vieira. São inéditos ou que publicaram após 2000. A festa será no Canal das Artes, ateliê de Sérgio Altenkirch. Para acompanhar os agitos da FreePorto, basta acessar www.freeporto.wordpress.com

CASA DA MOEDA

Jogo da verdade, na Toca da Raposa

Uma plateia de jornalistas, escritores e fãs, com máscara de raposa, jogam a verdade com um escritor de cara limpa. A ideia é discutir questões como o anonimato proporcionado pela internet, e brincar com os limites que separam o leitor do autor. O primeiro convidado da Toca da Raposa é Jomard Muniz de Britto. O evento será no bar Casa da Moeda, parceiro da FreePorto.

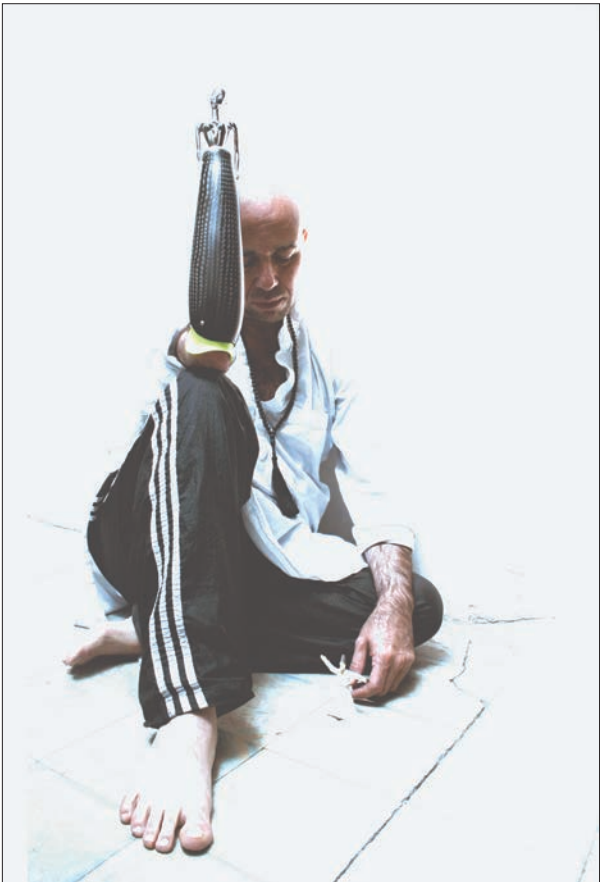
FREECARETA

Non sense vai dominar procissão incomum

Misturar profano e religioso é a provocação que fecha a FreePorto no domingo, 8 de novembro. Uma procissão com a imagem de J. G. de Araújo Jorge, o escritor homenageado deste ano, terá os “fiéis” entoando poemas do autor, ao ritmo do grupo Tambores do Pilar, junto com o percussionista Jorge Martins. O *non sense* contará ainda com uma bicicleta de propaganda para “amplificar” a voz dos poetas.

NOTAS
DE RODAPÉ

GABRIELA LEON/DIVULGAÇÃO



Linguagem ausente

Mario Bellatin (foto) alerta o leitor desde a abertura: *Flores* está mais para a composição atemporal de uma natureza-morta do que para a linearidade de um romance. Assim, entrar no universo da obra é submeter-se a um mundo de rispidez narrativa, cortes crus e, principalmente, deformidade.

Uma mera descrição dos personagens explica as sensações. O cientista Olaf Zumfelde descobriu que certo medicamento causa alterações físicas em fetos; um escritor pesquisa os hábitos sexuais urbanos, a poeta Alba é mãe adotiva dos gêmeos Kuhn e o Amante Outonal relaciona-se com idosos. Com essas histórias, o mexicano faz do bizarro um elemento natural humano.

Cada um dos 36 capítulos tem o nome de uma flor – daí porque fazem sentido tanto isolados como em

conjunto: um buquê. Em nenhum, no entanto, o autor se permite elucidar a narrativa: fissa o leitor por meio de novos incômodos ou imprecisões. Seu estilo nos revela ainda menos. Se existisse uma linguagem ausente, Bellatin a usaria em *Flores*. **(Diogo Guedes)**



ROMANCE
<i>Flores</i>
Autor: Mario Bellatin
Editora: Cosac Naify
Páginas: 80
Preço: R\$ 39

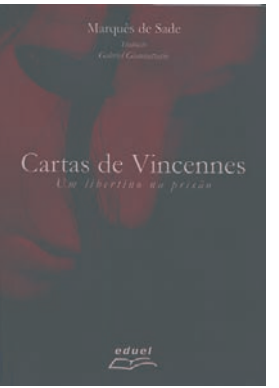
REPRODUÇÃO



Registro de experiências

A fama de pornográfico de Donatien Alphonse François de Sade, o Marquês de Sade, é o principal entrave para o conhecimento de sua obra. Muitos de seus livros nunca foram traduzidos para o português. Mas a filosofia sadeana, revelada na correspondência do escritor, dramaturgo e filósofo trágico, está bem representada numa seleção das cartas que escreveu no último período de sua prisão, no castelo de Vincennes (1782-1783). O tradutor e organizador da obra, publicada pela Universidade Estadual de Londrina, acredita que estas cartas mostram um prenúncio do vigor poético que encontraria forma mais livre nos romances e peças de teatro do Marquês. O literato, que usou o próprio corpo como laboratório de seu pensamento, utiliza-se das cartas como uma espécie

de usina de produção e experimentação de ideias, com reflexões sobre problemas da natureza, política, vício e virtude, impunidade e o grande infortúnio que é a condição humana. **(Mariza Pontes)**



HISTÓRIA
<i>Cartas de Vincennes – Um libertino na prisão (Marquês de Sade)</i>
Autor: Gabriel Giannattasio (org.)
Editora: Eduei
Páginas: 154
Preço: R\$ 30

LANÇAMENTOS

VIAGENS DE GULLIVER

Com o objetivo de conquistar o público adolescente, a editora Scipione relança a clássica história do médico aventureiro que, depois de um naufrágio, passa a viver em ilhas remotas, onde convive com povos estranhos e mesquinhos e com animais de inteligência superior. Integrando a coleção Reencontro, a obra, traduzida para o português e adaptada por Cláudia Lopes, é considerada uma crítica ao governo inglês, que dominava a Irlanda, terra de Jonathan Swift.



Autor Jonathan Swift
Editora Scipione
Páginas 136
Preço R\$ 29,90

A SAGA ROSIANA DO SERTÃO

O autor estuda a obra de João Guimarães Rosa, considerando os lados poético e musical de sua narrativa. Mostra que, mais do que escrever enredos que seguissem uma lógica, Rosa se deixava embalar pelo ritmo de transe dos poemas e das cantigas, num arrebatamento expressivo que se notabiliza pela originalidade do estilo. São analisadas especialmente as obras *Sagarana* e *Corpo de baile*, que reúnem a poética do narrador erudito e a vida dos sertanejos.



Autor Ronald de Melo e Souza
Editora Uerj
Páginas 237
Preço R\$ 30

MAR DE DENTRO

O livro de estreia de Fátima Souza tem o aval de Fátima Quintas, que destaca no prefácio a sensibilidade da autora, a sutileza do olhar, a estética das palavras, o amor à liberdade, e o exercício da solidariedade. Em *Mar de dentro*, as belas ilustrações do artista plástico Pedro Dias, na maioria retratando mulheres, coroam a obra poética. A foto de capa, feita por Nina Lacaz, reproduz o mar de Fernando de Noronha, uma das inspirações da poetisa.



Autora Fátima Souza
Editora Bagaço
Páginas 87
Preço R\$ 40

A RECOLONIZAÇÃO DO BRASIL PELAS CORTES

O autor discute o uso político do termo “recolonização”, que liderou a reação contra o intervencionismo de Portugal, após a independência brasileira, quando os lusos pretendiam exercer o domínio econômico sobre a ex-colônia, mesmo sem restaurá-la. A obra editada pela Universidade Estadual de São Paulo analisa os interesses que forjaram o cenário econômico do século 19 e a ideia da identidade nacional brasileira, que começou a se formar no período.



Autor Antônio Penaves Rocha
Editora Unesp
Páginas 134
Preço R\$ 28

JOSÉ DINIZ/DIVULGAÇÃO

PRESENÇAS

Escritores vão acirrar os debates

Entre os escritores que já confirmaram presença na FreePorto, estão Ron Whitehead; a poetisa e produtora cultural gaúcha/carioca Natália Parreiras; o poeta e ensaísta paulista Cláudio Willer; os pernambucanos Marcelino Freire (foto), radicado em São Paulo, Pedro Américo de Farias, Helder Herik, Valmir Jordão e Raimundo Carrero; e as pernambucanas por adoção Cida Pedrosa e Lucila Nogueira.



UM NOVO OLHAR

Pedras pensadas, de Adolfo Montejo Navas, por Renata Cadena



“ Faz do coração um mapa, para aprender sobre as distâncias.

...

A carniçaria é às vezes tão transparente que é invisível!

...

A obrigação da obra de arte é o mistério.

”

“1. Pedras pensadas. 2. A realidade é um sentimento”. Já se foi dito a torto e direito que a melhor localização dos aforismos é entre os campos da filosofia e da poesia. Mas poucos levam tão a sério essa descrição como o escritor espanhol Adolfo Montejo Navas, em *Pedras pensadas*. Composto por 660 máximas em português e espanhol, o livro parece ter sido minuciosamente feito para capturar qualquer um que se atreva a abri-lo em uma página aleatória, despreparado para algo como “Resistir a algumas coisas serve para recompor a personalidade”.

A designer Renata Cadena escolheu a obra aforística de Montejo Navas como referência para seu trabalho *Boi vaca*, realizado na oficina Expressão em cartaz, ministrada pelo artista gráfico Rico Lins. A proposta foi tratar do conceito de território a partir de uma perspectiva geopolítica. “Alguns territórios do mundo são mais disputados que outros, assim como as carnes de uma vaca. De fato, ela é tão retalhada quanto o mundo atual”, explica. “Incluir o livro no desenho foi um modo valorizar também as divisões pessoais de cada um”. Ainda que não tenha chegado a usar caligrafia artística na obra, Renata diz que as transcrições foram feitas à mão por um caráter estético – o mesmo, talvez, descrito em um microconto da obra: “Espera que a caligrafia o salve”.

Em *Boi vaca*, o fim de um aforismo nos leva naturalmente ao próximo, como já sugere o espanhol: “Um aforismo é um ímã de outros aforismos”. As palavras passam a impressão de que estão vivas; sedentas por suas conseguintes e avessas a sua situação de conjunto inanimado de sílabas. “No fundo, o que um aforismo mais odeia é converter-se em citação”, nos revela Montejo. **(Diogo Guedes)**